

# Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos

Jeannette U. Smit Nolen\*

## Resumo

A autora foi convidada pela Fundação da Casa de Bragança para estudar e acompanhar a colecção do museu de arqueologia de Vila Viçosa, na sua instalação numa exposição renovada. Isto deu-lhe a oportunidade de examinar a colecção não só com mais pormenor, como também na sua totalidade<sup>1</sup>. O resultado dessa investigação deu origem a uma revisão das cronologias, tanto dos vários enterramentos como da tipologia da cerâmica comum. Além disso, foi possível identificar inúmeras peças e reunir o espólio de muitas sepulturas a partir das publicações sumárias realizadas pelos responsáveis das escavações destas necrópoles.

## Abstract

*The author was invited by the Fundação da Casa de Bragança to curate its archaeological collection in Vila Viçosa. As a consequence she was in a privileged position to once more examine the material which she published more than ten years ago (Nolen, 1985). Moreover she was now able to study the collection in more detail and in its entirety, no longer being limited to the Roman coarse-wares. The results of this investigation, together with newly published information on similar material, made it necessary to readjust the chronologies of not only some of the grave groups, but also of those suggested for several of the coarse-ware types. In addition, many more grave groups than was previously thought possible could be identified from the rudimentary publications of the original excavators and can now be presented.*

\* Sítio do Regato, Janes, P2750-Alcabideche. Colaboradora da Fundação da Casa de Bragança.

<sup>1</sup> A cerâmica comum de época romana foi publicada há mais de dez anos (Nolen, 1985).



É raro que as circunstâncias da investigação e das carreiras profissionais permitam a um arqueólogo ter oportunidade de regressar a um trabalho elaborado anteriormente para nele introduzir algumas correcções que a experiência de vários anos de estudo entretanto recomenda. No caso presente, porém, passada mais de uma década sobre a publicação da nossa monografia sobre a cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo (Nolen, 1985), cremos estar agora em posição privilegiada para proceder a esse tipo de revisão. Tendo sido convidados a acompanhar a colecção do museu de arqueologia da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa, na sua instalação num museu totalmente renovado, vimo-nos confrontados com os mesmos problemas de há uma década, e pudemos encontrar elementos novos de resposta que julgamos útil trazer ao conhecimento público.

No estudo do espólio recolhido em Vila Viçosa começámos por fazer uma análise pormenorizada de toda a colecção. Isto deu-nos a oportunidade de estudar minuciosamente o conteúdo de várias centenas de sepulturas, publicadas muito sumariamente pelos escavadores das necrópoles em questão, Abel Viana e António Dias de Deus.

No nosso trabalho de 1985 vimo-nos muitas vezes forçados a datar as formas e tipos da cerâmica comum a partir de paralelos, dado não existirem publicações sobre este assunto. Tivemos, frequentemente, de procurar estes paralelos em contextos afastados, o que nem sempre se revelou rigoroso para o fim em vista. Agora, com um estudo mais profundo do conjunto dos espólios funerários, visando o seu inventário geral (o que inclui os grupos das cerâmicas finas, das lucernas e dos vidros), foi possível reunir peças pertencentes a um grande número de enterramentos e até, em alguns casos, completar os conjuntos, reforçando as possibilidades de uma datação mais rigorosa.

Além disso, existem agora, na bibliografia da especialidade, novos trabalhos sobre a cerâmica comum da Península Ibérica e, dados os desenvolvimentos dos meios informáticos, torna-se possível realizar estudos analíticos mais completos a partir de novas perspectivas de tratamento de dados. Ou seja, é possível confrontar, com mais facilidade e precisão, os resultados de várias pesquisas, cruzando-as, e assim chegando a cronologias derivadas dos respectivos materiais.

Todavia, a cronologia das sepulturas e as classificações tipológicas que sugerimos no presente estudo continuam a não passar de sugestões, correspondentes a uma segunda plataforma de abordagem da mesma problemática que já nos ocupara em 1985. Assim, as cronologias que propomos incluem a época em que determinada forma ou tipo são conhecidos, sem que na maior parte dos casos estejam ainda bem definidos os respectivos limites cronológicos: o momento do seu aparecimento e o fim do seu fabrico.

Não obstante estas limitações, julgamos que nos foi possível avançar significativamente em relação ao nosso trabalho de 1985. Para o efeito, seguimos uma metodologia de abordagem subordinada a quatro etapas sucessivas de trabalho, que constituem também a ordem pela qual apresentamos os resultados alcançados. São elas:

1 – Tentar recuperar tanto quanto possível a integridade do espólio de cada sepultura, num processo de confrontação das próprias peças com as fotografias, normalmente muito pequenas, se não minúsculas, publicadas pelos escavadores originais;

2 – Estabelecer os laços cronológicos que unem estas peças, dentro de cada sepultura;

3 – Determinar, a partir das referências cronológicas estabelecidas na etapa anterior, quais os períodos em que as diferentes formas e tipos de cerâmica comum foram fabricados ou usados;

4 – Proceder a uma datação (aproximada) das sepulturas a partir dos elementos de cronologia da cerâmica comum estabelecidos na etapa anterior.

Tendo em conta a sucessão de observações referidas anteriormente e a conclusão final a que chegámos, pudemos estabelecer as seguintes indicações cronológicas para as várias necrópoles em análise:

**Serrones (SER):** Cláudio até meados do séc. II (o mais tardar)<sup>2</sup>.

**Padrãozinho 4 (PZO):** Cláudio até meados do séc. III.

**Padrão (PAD):** segunda metade do séc. I até uma data ainda não estimável.

**Horta das Pinas (HdP):** Cláudio/Nero, pelo séc. III. Deve notar-se que na necrópole de Horta das Pinas existem algumas peças metálicas cujas tipologias possivelmente remontam à época augustana, mas isso não nos obriga a fazer recuar toda a datação da necrópole a esse período. A grande quantidade de peças que datam a partir de Cláudio demonstra que os primeiros enterramentos a serem depositados pertencem provavelmente apenas ao seu reinado.

**Torre das Arcas (TdA):** séc. II – inícios do séc. IV. A circunstância de esta necrópole não ter dado nem “paredes finas” nem *terra sigillata* (Viana, 1955 b, p. 257 e 265) parece-nos decorrente da sua cronologia e não da pobreza da população. Com efeito, as “paredes finas” de Mérida ou a *terra sigillata* do vale

<sup>2</sup> Todos os enterramentos com espólio da necrópole de Serrones são de incineração, enquanto a necrópole n.º 4 de Padrãozinho, proveniência das sepulturas apresentadas, é integralmente de incineração (Viana, 1955c, p. 8-9).

do Ebro não constituiriam artigos de tal luxo que entre as muitas sepulturas daquela necrópole não pudessem ter sido depositadas peças deste tipo. Já quanto à interpretação dos particularismos do material cerâmico, no sentido de saber se os mesmos reflectiam influências regionais ou cronologias específicas, é assunto que nos sugere algumas hesitações. É provável, no entanto, que a última hipótese, a cronológica, seja a mais acertada. Com efeito, apenas uma sepultura, a n.º 3, contém material que recua aos finais dos imperadores Flávios. Trata-se da única lucerna da forma D/L 20, a peça datada mais antiga em toda a necrópole. Mas, para além de único, deve também salientar-se que é um exemplar de fabrico e aspecto regional, quicá um gosto conservador, que fez perdurar até mais tarde uma forma antiga (Alarcão, 1976, n.º 7, p. 75 e 80, est. I e VII).

Apresentaremos de seguida o resultado das etapas 1 e 2 no nosso estudo, sob a forma de um catálogo das sepulturas datáveis com certo grau de segurança, a partir da cerâmica fina, das lucernas e/ou do vidro, ou seja, dos materiais que, de modo geral, melhor nos ajudam a datar, por arrastamento, a cerâmica comum. Por limitações de espaço, faremos uma listagem simplificada, com escassa informação sobre cada peça, mas com a indicação da sua publicação original e alguns outros pormenores descritivos, assim como, geralmente, de um perfil desenhado.

Em face dos nossos pressupostos metodológicos pode o leitor observar, com inteira justificação, que nada obriga a que numa sepultura todas as peças tenham necessariamente a mesma datação, quicá do momento exacto do enterramento. Porém, no caso das necrópoles do Alto Alentejo, uma região pobre, onde não foi encontrada uma única peça de grande valor (nenhum ouro e apenas alguma prata)<sup>3</sup>, pensamos que é pouco provável a possibilidade da ocorrência significativa, num mesmo conteúdo sepulcral, de peças de cronologias muito diversas, resultantes de herança familiar antiga ou de qualquer outro modo de aquisição menos usual.

Finalmente importa advertir que nos vimos obrigados a limitar esta apresentação às necrópoles de Serrones, Padrãozinho e Torre das Arcas – as únicas cujas publicações antigas contêm indicações de proveniência dos achados, referidos a sepulturas individualizadas. Porém, as conclusões sobre a tipologia e cronologia da cerâmica comum também são válidas para o material das necrópoles de Chaminé, Horta das Pinas e Padrão.

## 1. Etapas 1 e 2<sup>4</sup>

Para não correremos o risco de incorrer em esquemas de raciocínio circular, nesta primeira fase, não considerámos nas cronologias sugeridas infra as

<sup>3</sup> Apenas a necrópole de Horta das Pinas nos deu algumas peças mais requintadas, por exemplo dois pratinhos de balança de prata e vários vasos importados de vidro.

<sup>4</sup> Abreviaturas usadas: AdR (A. do Rico); Dr. (Dragendorff); D/L (Dressel/Lamboglia); Inv. (Inventário); Is. (Isings); met. (metade); "pf" (paredes finas); PZO (Padrãozinho); séc. (século); SER (Serrones); "tsh" (*terra sigillata* hispânica); TER (Terrena); TdA (Torre das Arcas).

sugestões que em 1985 tínhamos estabelecido para a cerâmica comum. Afinal, um dos principais objectivos do nosso estudo é o de precisar tais cronologias. A sua consideração nesta fase iria, obviamente, introduzir um vício metodológico flagrante na nossa abordagem.

**Terena:** segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II

Potinho de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 2474 (Nolen, 1985, n.º 436).

Potinho de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 2480 (Nolen, 1985, n.º 429).

Taça de "pf" de Mérida, forma Mayet 43A; inv. n.º 2481. Cronologia: segunda metade do séc. I.

Bilha de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 2482 (Nolen, 1985, n.º 8).

Bilha de cerâmica comum tipo 1-d; inv. n.º 2483 (Nolen, 1985, n.º 23).

Bilha de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2485 (Nolen, 1985, n.º 76).

Bilha de "tsh" do Vale de Ebro da forma Hisp. 20; inv. n.º 2486 (Mayet, 1984, n.º 314 e 317).

Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

Pote de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2488 (Nolen, 1985, n.º 497).

Tigela de "tsh" do Vale de Ebro da forma Dr. 27; inv. n.º 2566. Cronologia: Flávios.

Prato de "tsh" do Vale de Ebro da forma Dr. 36; inv. n.º 2567. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

Prato de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2568 (Nolen, 1985, n.º 221).

Tigela de cerâmica comum tipo 4-a; inv. n.º 2569 (Nolen, 1985, n.º 344).

Tigela de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2570 (Nolen, 1985, n.º 336).

Prato de cerâmica comum tipo 5; inv. n.º 2571 (Nolen, 1985, n.º 269).

Tigela de "tsh" do Vale de Ebro da forma Dr. 27; inv. n.º 2600. Cronologia: Flávios – Trajano.

Potinho de cerâmica comum tipo 1; inv. n.º 2641.

Taça de "pf" de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 2643. Cronologia: Cláudio – inícios dos Flávios.

Taça de "pf" de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2644. Cronologia: segunda metade do séc. I.

Não há dúvida que se trata de um conjunto da segunda metade do séc. I ou do primeiro quartel do séc. II

**A. do Rico 1:** segunda metade do séc. I – inícios do séc. III

AdR 121 – Bilha de cerâmica comum tipo 1-k; grafito: FRONDICOMVS; inv. n.º 1324 (Nolen, 1985, n.º 41).

AdR 118 – Púcaro de cerâmica comum tipo 1-b; inv. n.º 1495 (Nolen, 1985, n.º 143).

AdR 119 – Unguentário de vidro tipo Is. 82B2; inv. n.º 2162. Cronologia: meados do séc. I – terceiro quartel do séc. III (Alarcão, 1967, n.º 54).

Falta um púcaro de cerâmica comum fina.

Infelizmente, é bastante lata a cronologia da única peça datada deste enterramento, o unguentário do tipo Isings 82B2. A cronologia sugerida para os púcaros do tipo 1-b pode ou não indicar um *t.a.q.* nos finais do séc. II.

**Serrones 6:** Flávios – primeiro quartel do séc. II

SER 6-13 – taça de "pf" de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 1987. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 567).

SER 6-17 – taça de "pf" de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2603. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 514).

SER 6-26<sup>5</sup> – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 1992. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 6-64 – bilha de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 1986 (Nolen, 1985, n.º 5).

SER 6-67 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 36; inv. n.º 2005; marca de CANTABER<sup>6</sup>. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II (Alarcão, 1960-61, n.º 12, p. 192).

SER 6-69 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 2062. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

Faltam um púcaro pequeno, dois “vasos” de vidro e três pregos.

Uma sepultura com duas peças de “paredes finas” da segunda metade do séc. I e três de terra sigillata das formas Dr. 35 e 36 não deve ultrapassar o primeiro quartel do séc. II.

### Serrones 7: Flávios – inícios do séc. II

SER 7-12 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 1985B. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 515).

SER 7-28 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 2011. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 7-44 – Unguentário de vidro da forma Is. 8; inv. n.º 2161. Cronologia: Cláudio/Nero – inícios do séc. II (Alarcão, 1967, n.º 64).

SER 7-49 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 2456. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 7-74 – malga de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2019 (Nolen, 1985, n.º 317).

SER 7-76 – bilha de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 2125 (Nolen, 1985, n.º 7; peça igual a HDP 81 = Elvas inv. n.º 2941).

SER 7-133 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17 com marca ilegível; inv. n.º 2092. Cronologia: Flávios – Trajano.

SER 7-67 – prato de terra sigillata da forma Dr. 36; não identificado.

Faltam uma “Urna” (ou será um púcaro?) de duas asas e uma taça de terra sigillata.

São as peças de “paredes finas” e terra sigillata que apontam para uma data contemporânea à da sepultura anterior.

### Serrones 9: segunda metade do séc. I

SER 9-14 – tigela de terra sigillata sud-gállica; forma Dr. 27; marca ilegível; inv. n.º 2575?. Cronologia: Cláudio-Nero.

SER 9-16/22 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 1977. Cronologia: Flávios.

SER 9-36/8 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2397. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 528).

SER 9-41 – bilha de cerâmica comum tipo 2-d; inv. n.º 2070 (Nolen, 1985, n.º 67).

SER 9-46 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 2452. Cronologia: segunda metade do séc. I.

<sup>5</sup> SER 6-26 (inv. n.º 1992) uma taça de terra sigillata da forma Dr. 35, foi, ainda no campo, marcada com a indicação “S 6”. Ela corresponde à peça n.º 26 da publicação de Viana e Deus (1955a) e não ao n.º 29 como figura no inventário do espólio da sepultura SER 6. Viana, 1955a, p. 24, fig. 16. Neste caso achamos a indicação na própria peça a mais fidedigna, assim a incluímos no nosso inventário da presente sepultura.

<sup>6</sup> O prato de terra sigillata n.º 67 repete-se no inventário da sepultura 7; neste caso aceitámos a hipótese de que existiam dois pratos da mesma forma (Dr. 36) nas duas sepulturas.

SER 9-51 – taça de “pf”, fabrico de Bética; forma Mayet 37; inv. n.º 1983. Cronologia: finais do Cláudio – inícios dos Flávios (Mayet, 1975, n.º 586).

SER 9-52 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 1978. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 519).

SER 9-57 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 1994. Cronologia: Cláudio-Nero.

SER 9-62 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 18; inv. n.º 1999. Cronologia: Cláudio-Vespasiano (Alarcão, 1960-61, n.º 3, p. 184; Mayet, 1984, n.º 573, p. 171).

Faltam SER 9-35, uma tigela de *terra sigillata* da forma Dr. 27 e outra da forma Dr. 35.

A cronologia sugerida para esta sepultura no nosso estudo de 1985 sai agora reforçada pela identificação de quatro peças de *terra sigillata* datáveis do período Cláudio-Flávios.

### Serrones 14: Flávios – inícios do séc. II

SER 14-? – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2113A<sup>7</sup>. Cronologia: Flávios-Trajano.

SER 14-19 – taça de “tsh” do Vale de Ebro, forma Ritt. 8; inv. n.º 1356. Cronologia: Flávios – inícios do séc. II.

SER 14-24 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 2021. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 14-25 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 2015. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 14-37 – copo de “pf” de Mérida, forma Mayet 45; inv. n.º 1979. Cronologia: Flávios (Mayet, 1975, n.º 591).

SER 14-39(14) – cálice de vidro; inv. n.º 2150. Cronologia: finais do séc. I – séc. II (Alarcão, 1967, n.º 24).

SER 14-43 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2045. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 524).

SER 14-56 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27, marca de FLACCVS TRITRIENSIS; inv. n.º 2342. Cronologia: Flávios (Alarcão, 1960-61, n.º 15, p. 195).

SER 14-60 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2016. Cronologia: Flávios-Trajano.

SER 14-83 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2460. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 14-84 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 36; inv. n.º 2004. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 14-85 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 36, marca de ATTIVS PATERNVS; inv. n.º 2013. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II (Alarcão, 1960-61, n.º 11, p. 191).

SER 14-94 – fíbula de bronze, tipo Fowler B1; inv. n.º 2945 (Ponte, 1986, n.º 28-14, p. 119).

SER 14-139 – fíbula de bronze, tipo Fowler B1; inv. n.º 2946 (Ponte, 1986, n.º 28-15, p. 119).

SER 14-7 – taça de “pf”; não identificada.

Falta um jarro de cerâmica comum.

Depois de identificarmos oito peças de *terra sigillata* e três de “paredes finas”, mais duas fíbulas, não queremos deixar de apresentar esta sepultura, da qual, infelizmente, não se conservou uma única peça de cerâmica comum.

<sup>7</sup> A peça foi marcada, ainda no campo, com a indicação “S 14” a lápis.

**Serrones 18:** meados do séc. II

SER 18-34 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2551. Cronologia: Flávios – meados do séc. II.

SER 18-42 – jarro de vidro da forma Is. 88b; inv. n.º 2155. Cronologia: segunda metade do séc. II – inícios do séc. III (Alarcão, 1967, n.º 27, 1984, n.º 1, p. 173 e 174).

SER 18-73 – malga de cerâmica comum tipo 1-b; inv. n.º 2562 (Nolen, 1985, n.º 298).

SER 18-125 – copo de vidro da forma Trier 39; inv. n.º 2384. Cronologia: Flávios – séc. II (Alarcão, 1967, n.º 19; Nolen, 1994, n.º vi-37 a vi-39, p. 174, 190, est. 37).

SER 18-176 – bilha de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 2427 (Nolen, 1985, n.º 17).

Esta sepultura, situada à margem da necrópole (Viana, 1955 a, fig. 13), deve ter sido uma das últimas a ser depositada. O conjunto do jarro de vidro e da taça de *terra sigillata* indicam uma cronologia nos meados do séc. II.

**Serrones 21:** meados do séc. I – inícios do séc. II

SER 21-45 – bilha de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2133 (Nolen, 1985, n.º 73).

SER 21-53 – unguentário de cerâmica comum; inv. n.º 1940. Cronologia: séc. I – inícios do séc. II (Nolen, 1985, n.º 513, 1994, n.º cr-164-171, p. 146, est. 33).

SER 21-66 – pote de cerâmica comum tipo 2-h; inv. n.º 2312 (Nolen, 1985, n.º 479).

A cronologia desta sepultura depende da utilização do unguentário entre os meados do séc. I e os inícios do século seguinte.

**Serrones 26:** Nero-Flávios

SER 26-8 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2589. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 26-11 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 1989. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 547).

SER 26-23 – potinho de cerâmica comum; inv. n.º 2614?

SER 26-31 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2524. Cronologia: Cláudio – Nero.

SER 26-32 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27 com marca ilegível; inv. n.º 2541. Cronologia: Flávios-Trajano.

SER 26-48 – unguentário de vidro da forma Is. 8; inv. n.º 2159. Cronologia: Cláudio – finais do séc. I (Alarcão, 1967, n.º 62)<sup>8</sup>.

SER 26-114 – potinho de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 1995 (Nolen, 1985, n.º 424).

Faltam dois jarros de cerâmica comum.

A sepultura é datada pelo vidro da forma Isings 8, uma taça de *terra sigillata* Dr. 27 com características da época Cláudio-Nero, outra da época flaviana e duas peças de “paredes finas” da segunda metade do séc. I.

**Serrones 27:** Nero-Vespasiano

SER 27-? – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 2585<sup>9</sup>. Cronologia: Nero-Vespasiano.

SER 27-18/47 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 29; inv. n.º 2008. Cronologia: Nero-Vespasiano (Alarcão, 1960-61, n.º 18, p. 199).

<sup>8</sup> Alarcão, 1967, n.º 62, p. 30, erradamente atribuída à sepultura SER 16.

<sup>9</sup> A taça foi marcada, ainda no campo, com a indicação “S-27”.

SER 27-27 – tigela de cerâmica comum do tipo 7-e; inv. n.º 1993 (Nolen, 1985, n.º 399).

SER 27-30 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27 com marca ilegível; inv. n.º 2525.

Cronologia: Cláudio-Nero.

SER 27-77 – bilha de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2017 (Nolen, 1985, n.º 64).

SER 27-136 – tigela de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2064 (Nolen, 1985, n.º 328).

SER 27-137 – tigela de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2526 (Nolen, 1985, n.º 329).

SER 27-151 – fivela de cobre e ferro; inv. n.º 2947. Cronologia: primeira metade do séc. I – primeira metade do II (Ponte, 1986, n.º 17).

Faltam um jarro, uma “urna” (possivelmente um púcaro), uma taça de “pf” e alguns pregos de ferro.

Dois peças de *terra sigillata*, uma taça da forma Dr. 27 da época Cláudio-Nero e outra da forma Dr. 29 dos reinados de Nero ou Vespasiano, estabelecem a cronologia deste enterramento. Ponte, ao publicar a fivela SER 27-151, recorda-nos que esta fazia parte do equipamento militar. Trata-se, muito provavelmente, de um enterramento de um militar.

### **Serrones 29:** Flávios – inícios do séc. II

SER 29-33 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 35; inv. n.º 2518. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.

SER 29-79 – malga de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2071? (Nolen, 1985, n.º 314).

Faltam uma taça de “pf”, um jarro de cerâmica comum e um prego.

As cronologias da tigela de *terra sigillata*, forma Dr. 35, e a taça de “paredes finas” que, infelizmente, não foi publicado por Viana, e por conseguinte não pudemos identificar, confirmam a datação da sepultura.

### **Serrones 30:** segunda metade do séc. I

SER 30-21 – Taça de *terra sigillata* do Vale de Ebro, forma Dr.24/25; inv. n.º 1998. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 30-55 – potinho do tipo 1-a; inv. n.º 1985A (Nolen, 1985, n.º 423).

SER 30-71 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17; inv. n.º 2009. Cronologia: Flávios-Trajano.

SER 30-135 – copo de “pf” da forma Mayet 45; não identificada. A sua forma tem paralelos na época flávia.

Faltam dois jarros, uma taça de *terra sigillata* e mais três “vasinhos”.

Todo o espólio deste enterramento é muito homogêneo e pode ser datado da segunda metade do séc. I.

### **Serrones 52:** Flávios – inícios do séc. II

SER 52-50 – jarro de “pf” da forma Mayet 51; inv. n.º 2638. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 52-58a – bilha de cerâmica comum tipo 5-a; inv. n.º 2112 (Nolen, 1985, n.º 88).

SER 52-59 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27, marca de FVLVIUS PATERNVS; inv. n.º 2042. Cronologia: Flávios-Trajano.

SER 52-65 – púcaro de cerâmica comum tipo 1-b; inv. n.º 2040 (Nolen, 1985, n.º 141).

SER 52-72 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17, marca de PET.E.ROOFI; inv. n.º 2012. Cronologia: Flávios (Alarcão, 1960-61, n.º 9, p. 189).

SER 52-82 – bilha de cerâmica comum tipo 1-f; inv. n.º 2434 (Nolen, 1985, n.º 25).

- SER 52-95 – bilha de cerâmica comum tipo 1-h; inv. n.º 2448 (Nolen, 1985, n.º 27).  
 SER 52-100 – pote de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2471 (Nolen, 1985, n.º 451).  
 SER 52-118 – tigela de cerâmica comum tipo 7-h; inv. n.º 255 (Nolen, 1985, n.º 410).  
 SER 52-132 – frigideira de cerâmica comum tipo 7; inv. n.º 2301 (Nolen, 1985, n.º 286).  
 SER 52-138 – bilha de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 2018 (Nolen, 1985, n.º 6)<sup>10</sup>.  
 SER 52-?? – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17; inv. n.º 2074<sup>11</sup>. Cronologia: Flávios-Trajano.  
 SER 52-105 – púcaro não identificado, possivelmente do tipo 1-f.

O jarro de “paredes finas” e os dois pratos de *terra sigillata* indicam um *t.a.q.* nos inícios do séc. II para o presente conjunto.

### Serrones 53: Flávios – inícios do séc. II

- SER 53-15 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2457. Cronologia: segunda metade do séc. I.  
 SER 53-58 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2002. Cronologia: Flávios-Trajano.  
 SER 53-59a – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 36; inv. n.º 1996. Cronologia: Flávios – primeira metade do séc. II.  
 SER 53-78 – pratel de cerâmica comum tipo 4-b; inv. n.º 2544 (Nolen, 1985, n.º 263).  
 SER 53-116 – pratel de cerâmica comum tipo 4-b; inv. n.º 2131 (Nolen, 1985, n.º 265).  
 SER 53-117 – tigela de cerâmica comum tipo 7-g; inv. n.º 2047 (Nolen, 1985, n.º 408).  
 Falta um jarro de cerâmica comum.

Mais uma vez, são as peças de *terra sigillata* e “paredes finas” que datam a sepultura.

### Serrones 84: Flávios – inícios do séc. II

- SER 84-97 – púcaro de cerâmica comum de tipo desconhecido; inv. n.º 1548B.  
 SER 84-106 – garrafa de cerâmica comum tipo 4-a; inv. n.º 2077 (Nolen, 1985, n.º 81).  
 SER 84-107? – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17; inv. n.º 2050. Cronologia: Flávios-Trajano.  
 SER 84-113 – púcaro de cerâmica comum tipo 1-b; inv. n.º 2128 (Nolen, 1985, n.º 142)<sup>12</sup>.  
 SER 84-120 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 44; inv. n.º 2060. Cronologia: segunda metade do séc. I (Mayet, 1975, n.º 542).  
 SER 84-121 – bilha de cerâmica comum tipo 1-a; inv. n.º 2043 (Nolen, 1985, n.º 4).  
 SER 84-126 – malga de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2059 (Nolen, 1985, n.º 308).  
 SER 84-127 – Prato de cerâmica comum; não identificado.

Mesmo que Lopez (1990, p. 409) atribua uma cronologia das taças de “paredes finas” da forma Mayet XLIV à segunda metade do séc. I, pensamos que ainda não existem dados suficientes para dar um tal *t.a.q.* com tanto rigor. Consequentemente, propomos um prolongamento até aos inícios do séc. II para esta sepultura de modo a reflectir a cronologia do prato de *terra sigillata*.

<sup>10</sup> Naquela publicação, por nós erradamente atribuído à sepultura SER 7.

<sup>11</sup> O prato foi marcado, ainda no campo, com a indicação “S-52”.

<sup>12</sup> Na nossa publicação de 1985 identificámos o púcaro SER 84-113 por engano com o n.º de catálogo 172, agora reconhecemo-lo com o n.º de catálogo 142.

**Serrones 92:** segunda metade do séc. I – inícios do séc. II

SER 92-90 – taça de “pf” de Mérida, forma Mayet 43; inv. n.º 2046. Cronologia: segunda metade do séc. I.

SER 92-96 – pote de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2130 (Nolen, 1985, n.º 444).

SER 92-98 – tigela de cerâmica comum tipo 7-f; inv. n.º 2072 (Nolen, 1985, n.º 406).

SER 92-112 – garrafinha de cerâmica comum; inv. n.º 1328A (Nolen, 1985, n.º 136).

SER 92-122 – bilha de cerâmica comum tipo 1-d; inv. n.º 1325 (Nolen, 1985, n.º 22).

SER 92-128 – frigideira de cerâmica comum tipo 5; inv. n.º 1395 (Nolen, 1985, n.º 271).

SER 92-131 – prato de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2135 (Nolen, 1985, n.º 250).

SER 92-99 – tigela de *terra sigillata* da forma Dr. 27; não identificada.

A mesma observação é válida para o presente conjunto de cerâmica comum datado por uma peça de “paredes finas” e outra de *terra sigillata*.

**Padrãozinho 16:** segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II

PZO 16-43 – caneca de cerâmica comum; inv. n.º 2491 (Nolen, 1985, n.º 213).

PZO 16-83 – cântaro de cerâmica comum; inv. n.º 2041 (Nolen, 1985, n.º 132).

Faltam uma taça de “pf”, uma malga, uma “urna” (possivelmente um púcaro) e uma moeda não classificável<sup>13</sup>.

A cronologia da sepultura deve-se à presença da peça de “paredes finas” mencionada por Viana.

**Padrãozinho 20:** séc. III e talvez mais tarde

PZO 20-66 – jarro de cerâmica comum tipo 6-a; inv. n.º 2409 (Nolen, 1985, n.º 111).

PZO 20-92 – lucerna da forma Luzón 54; inv. n.º 2394. Cronologia: séc. III adiante (Alarcão, 1976, n.º 34, p. 77).

Falta um prato pequeno.

O que foi dito na nossa publicação original continua válido. A lucerna da forma Luzón 54 data este exemplar dos jarros do tipo 6-a, cujo *t.p.q.* ainda não é conhecido.

**Padrãozinho 27:** primeira metade do séc. III

PZO 27-? – lucerna da forma D/L 30A; inv. n.º 2024. Cronologia: primeira metade do séc. III.

PZO 27-28 – pote de cerâmica comum tipo 2-f; inv. n.º 1529 (Nolen, 1985, n.º 467).

PZO 27-39 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 2335 (Nolen, 1985, n.º 193).

PZO 27-112 – frigideira de cerâmica comum tipo 3-e; inv. n.º 2558 (Nolen, 1985, n.º 260).

Mais uma vez é a lucerna, esta do tipo Dressel/Lamboglia 30A, da primeira metade do séc. III, que data o demais espólio da sepultura.

<sup>13</sup> No inventário desta sepultura, o autor também enumera um “gancho” de ferro n.º 151. Porém a fotografia do n.º 151 mostra uma fíbula que pertence ao túmulo SER 27 (Viana, 1955a, p. 8 e 28, fig. 11).

**Padrãozinho 33:** primeira metade do séc. II ou mais tarde

PZO 33-16 – urna de cerâmica comum tipo 2; inv. n.º 1489 (Nolen, 1985, n.º 55).

PZO 33-76 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2428 (Nolen, 1985, n.º 46).

PZO 33-87 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2323 (Nolen, 1985, n.º 45).

PZO 33-102 – unguentário? de cerâmica comum; inv. n.º 2337. Cronologia: meados do séc. I – meados do séc. II (Serrano Ramos, 1985, fig. 63-15, p. 282; *Id.*, *Bética*, n.º 109) (Nolen, 1985, n.º 514).

PZO 33-119 – frigideira de cerâmica comum tipo 2-d; inv. n.º 1481 (Nolen, 1985, n.º 234).

PZO 33-129 – prato de cerâmica comum tipo 8-c; inv. n.º 2563 (Nolen, 1985, n.º 291).

PZO 33-229 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 2334 (Nolen, 1985, n.º 196).

A única peça datada nesta sepultura é o unguentário que começa nos meados do séc. I. Aliás as outras peças parecem incluir-se num momento posterior; por isso indicamos somente a primeira metade do séc. II para o enterramento.

**Padrãozinho 35:** finais do séc. I – séc. II

PZO 35-45 – pote de cerâmica comum tipo 2-d; inv. n.º 2513 (Nolen, 1985, n.º 454).

PZO 35-140 – prato covo de vidro do tipo Is. 97a; inv. n.º 2158. Cronologia: finais do séc. I – séc. II (Alarcão, 1967, n.º 1).

PZO 35-207 – frigideira de cerâmica comum de um tipo não classificado; inv. n.º 2578?

Faltam uma malga de cerâmica comum e alguns pregos de ferro.

O prato de vidro do tipo Isings 97a é a única peça que indica a cronologia da sepultura. A cronologia do restante espólio pode ser, ou não, bastante mais lata.

**Padrãozinho 38:** época flávia – trajana

PZO 38-41 – pote de cerâmica comum tipo 2-k; inv. n.º 1502 (Nolen, 1985, n.º 483).

PZO 38-48 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2336 (Nolen, 1985, n.º 199).

PZO 38-64 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j; inv. n.º 2321 (Nolen, 1985, n.º 29).

PZO 38-96 – tigela de "tsh" do Vale de Ebro, forma Dr. 27 com marca ilegível; inv. n.º 1493.

Cronologia: Flávios.

PZO 38-107 – prato de "tsh" do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17, com marca de VALERIUS PATERNUS e grafito; inv. n.º 1352. Cronologia: Flávios-Trajano (Alarcão, 1960-61, n.º 7, p. 188).

PZO 38-114 – frigideira de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2519 (Nolen, 1985, n.º 253).

PZO 38-116; frigideira de cerâmica comum tipo 6-a; inv. n.º 2560 (Nolen, 1985, n.º 276).

PZO 38-130 – tigela de cerâmica comum tipo 7-g; inv. n.º 2292 (Nolen, 1985, n.º 409).

PZO 38-14 – púcaro com engobo vermelho; não identificado.

Faltam fragmentos de vidro e alguns pregos de ferro.

Uma tigela e um prato de *terra sigillata* da época flávia ou flávia-trajana apontam para a cronologia das seis peças de cerâmica comum deste conjunto sepulcral.

**Padrãozinho 40:** época flávia – trajana

40-77 – taça de cerâmica comum tipo desconhecido; inv. n.º 2504 (Nolen, 1985, n.º 415).

PZO 40-110/124 – taça de cerâmica comum tipo 7-e; inv. n.º 1488 (Nolen, 1985, n.º 396).

PZO 40-156/131 – tigela de "tsh" do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2535. Cronologia:

Flávios-Trajano.

Faltam dois "vasos" e fragmentos de vidro.

Uma única taça de *terra sigillata* define a cronologia da sepultura.

**Padrãozinho 46:** finais dos Flávios – meados do séc. II

PZO 46-84 – bilha de cerâmica comum tipo 1-g; inv. n.º 2066 (Nolen, 1985, n.º 26).

PZO 46-97 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 2338. Cronologia: finais dos Flávios – meados do séc. II.

PZO 46-109 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27; inv. n.º 1490. Cronologia: finais dos Flávios – meados do séc. II.

PZO 46-128 – prato de *terra sigillata* da forma Dr. 15/17; não identificado.

Faltam uma bilha e uma taça, ambas de *terra sigillata* e um prato e malga de cerâmica comum.

Na discussão sobre esta sepultura sugerimos, em 1985, uma cronologia incluindo todo o séc. II. Agora, depois de identificar as taças de *terra sigillata*, acreditamos, de facto, de que ela não perdurou além dos meados do séc. II.

**Padrãozinho 47:** finais dos Flávios – meados do séc. II

PZO 47-123/155 – tigela de cerâmica comum tipo 7-b; inv. n.º 1486B (Nolen, 1985, n.º 386).

PZO 47-125/133 – tigela de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 27, com marca .de ATTIVS PATERNVS; inv. n.º 2647. Cronologia: finais dos Flávios – meados do séc. II (Alarcão, 1960-61, n.º 13)<sup>14</sup>.

PZO 47-219 – prato de cerâmica comum; não identificado.

A tigela de *terra sigillata* tem a forma aberta da última produção das oficinas hispânicas.

**Padrãozinho 49:** meados do séc. I – meados do séc. II

PZO 49-46 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1492 (Nolen, 1985, n.º 200).

PZO 49-98 – Prato de *terra sigillata*; não identificado.

Faltam duas taças de *terra sigillata*, um prato e uma malga de cerâmica comum e uma fibula de bronze.

Com três peças de *terra sigillata* o enterramento pode ter sido fechado entre os meados do séc. I e do séc. II.

**Padrãozinho 60:** Flávios – primeira metade do séc. II

PZO 60-40 – pote de cerâmica comum tipo 2-g; inv. n.º 2463 (Nolen, 1985, n.º 476).

PZO 60-82 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 2067 (Nolen, 1985, n.º 106).

PZO 60-182 – garrafa de vidro da forma Is. 50 de bojo hexagonal e bocal trilobado; inv. n.º 2144. Cronologia: Flávios – séc. II (Alarcão, 1967, n.º 29).

PZO 60-185 – taça de vidro de um variante da forma Is. 44; inv. n.º 2156/7. Cronologia: segunda metade do séc. I (Alarcão, 1967, n.º 6).

PZO 60-127/138 – prato de *terra sigillata* da forma Dr. 15/17; não identificado.

PZO 60-82 – jarro de cerâmica comum; não identificado.

Faltam duas tigelas de *terra sigillata* e uma tigela de cerâmica comum.

A garrafa hexagonal de vidro n.º 182 tem cronologia desde os Flávios até meados ou finais do séc. III, enquanto o copo n.º 185 (Viana, 1955a, p. 16,

<sup>14</sup> Mayet (1984, p. 122) atribui a marca à ATTIVS PATERNVS.

fig. 12) data da segunda metade do séc. I, com uma possível perduração nos inícios do século seguinte. Esta última datação está de acordo com a presença de um prato de *terra sigillata* da forma Dr. 15/17.

### **Padrãozinho 62:** Flávios-Trajano

PZO 62-32 – pote de cerâmica comum possivelmente do tipo 2; inv. n.º 2176 (Nolen, 1985, n.º 492).

PZO 62-88 – bilha de cerâmica comum tipo 5-c; inv. n.º 1523, o gargalo e a asa têm inv. n.º 2620 (Nolen, 1985, n.º 95).

PZO 62-99/106 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17 – inv. n.º 2546. Cronologia: Flávios-Trajano.

PZO 62-227 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 1528 (Nolen, 1985, n.º 167).

PZO 62-32 – pote pequeno de cerâmica comum; não identificado.

Faltam duas taças de vidro, uma tigela ou malga de cerâmica comum e “uma grande porção” de pregos de ferro.

O prato de *terra sigillata* n.º 99/106 é da forma intermédia do tipo Dr. 15/17, por isso datada do período dos Flávios ou Trajano.

### **Padrãozinho 65:** meados do séc. I – meados do séc. II

PZO 65-80 – bilha de cerâmica comum tipo 5-d; inv. n.º 2608 (Nolen, 1985, n.º 97).

Faltam uma taça de “pf” e uma tigela de *terra sigillata*.

Uma taça de *terra sigillata* e outra de “paredes finas”, aliás não identificadas, datam esta sepultura e a bilha que continha.

### **Padrãozinho 73:** séc. III – inícios do séc. IV

PZO 73-53 – pote de cerâmica comum tipo 2-f; inv. n.º 2139 (Nolen, 1985, n.º 470).

PZO 73-93 – lucerna da forma D/L 30B; inv. n.º 1965. Cronologia: séc. III – inícios do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 30).

PZO 73-199 – frigideira de cerâmica comum tipo 5; inv. n.º 2140 (Nolen, 1985, n.º 268).

Faltam uma tigela e dois “vasos” pequenos de cerâmica comum.

A cronologia das lucernas da forma D/L 30B (entre outra encontrada nas sepulturas PZO 73, Tda 11, Tda 34 e Tda 69) ainda não está confirmada. São exemplares de orla decorada com pérolas e de bico não diferenciado que Bailey considera da forma “R” dos finais do séc. III – inícios do séc. V (Bailey, 1980, forma R, p. 377). Aliás, a forma “R” é designada “gordinha” designação essa que certamente não é válida para as nossas lucernas com dimensões normais. A falta de separação entre o bico e a orla não nos deixa integrá-las na forma D/L 30A ou Q-10 (Bailey, 1980, forma Q-10, p. 375) da primeira metade do séc. III e adiante, à qual, quanto a nós, elas se adaptam melhor. O fabrico regional pouco cuidadoso talvez seja a razão da falta da referida separação. Pensamos que uma cronologia em todo o séc. III, ou inícios do séc. IV, o mais tardar, será a mais indicada para as lucernas em questão.

### **Padrãozinho 82:** Flávios – meados do séc. II

PZO 82-68 – garrafa de cerâmica comum tipo 4-a; inv. n.º 2078 (Nolen, 1985, n.º 82).

PZO 82-165 – fibula de bronze; inv. n.º 2766.

PZO 82-100/105 – prato de *terra sigillata* da forma Dr. 15/17 com marca de VALERIVS PATERNVS. Cronologia suposta: Flávios – meados do séc. II. Não nos foi possível identificar este prato<sup>15</sup>.

Faltam ainda uma ou duas tigelas de *terra sigillata* (ambas) com marca no exterior<sup>16</sup>, uma malga e um prato de cerâmica comum, um púcaro de “barro fino” e fragmentos de duas peças de vidro.

Uma sepultura com um prato de *terra sigillata* hispânica da forma Dr. 15/17 não deve ter sido fechada antes da época flávia ou além dos meados do séc. II.

### **Padrãozinho 83:** meados do séc. II?

PZO 83-95 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 2390. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, *lucernas* n.º 25).

PZO 83-137 – prato de “tsh” do Vale de Ebro, forma Dr. 15/17 com marca de VALERIVS PATERNVS; inv. n.º 2341. Cronologia: Flávios – meados do séc. II (Alarcão, 1960-61, n.º 8).

PZO 83-174 – punção de ferro; inv. n.º 2780.

PZO 83-184 – taça de vidro; inv. n.º 2148. Cronologia incerta<sup>17</sup> (Alarcão, 1967, n.º 9).

Falta um púcaro de cerâmica comum.

O único período que a lucerna e o prato de *terra sigillata* têm em comum são em torno de meados do séc. II.

### **Padrãozinho 98:** Flávios – inícios do Trajano

PZO 98 – lucerna da forma D/L 27; inv. n.º 2025. Cronologia: Flávios – inícios do Trajano.

PZO 98-31 – pote de cerâmica comum tipo 2-g; inv. n.º 2465 (Nolen, 1985, n.º 475).

PZO 98-73 – cântaro de cerâmica comum tipo 8; inv. n.º 2410 (Nolen, 1985, n.º 133).

PZO 98-203 – prateleira de cerâmica comum tipo 4-a; inv. n.º 2536 (Nolen, 1985, n.º 261).

A lucerna inv. n.º 2025, da forma D/L 27, que define a cronologia da sepultura, pode ser identificada com a lucerna a que Viana se refere na sepultura PZO 98 (1955a, p. 20). No inventário original de Viana o n.º 2025 tem anotação “Padrãozinho” é agora a única lucerna fragmentada de PZO que existe no museu.

### **Torre das Arcas 3:** finais dos Flávios – meados do séc. II

Enterramento de incineração.

TdA 03-24 – lucerna da forma D/L 20, fabrico regional de Bética ? Inv. n.º 1963. Cronologia: finais dos Flávios – meados do séc. II. (Alarcão, 1976, n.º 7).

TdA 03-58 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j; inv. n.º 1396 (Nolen, 1985, n.º 28).

TdA 03-91 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 1399 (Nolen, 1985, n.º 174).

TdA 03-113 – taça de cerâmica comum tipo 5-c; inv. n.º 1402 (Nolen, 1985, n.º 374).

<sup>15</sup> Perguntamo-nos se Viana cometeu um erro no inventário das duas sepulturas PZO 82 e PZO 83. Entre o espólio da última encontra-se o prato PZO 83-137 que podemos identificar, sem hesitação, com o inv. n.º 2341, e que tem marca OF VAPA, marca a que Viana não se refere.

<sup>16</sup> No inventário da sepultura PZO 82, o autor regista um “cuenco de *sigillata* con marca grabada en la cara externa del lado” e outro com a marca “esgrafiada”. Será a mesma peça repetida? E será que a “marca” é um grafito? Viana, 1955a, p. 19.

<sup>17</sup> Em 1967 Alarcão não encontrou paralelo para esta taça e com muitas publicações recentes disponíveis, nós, agora, também não encontramos paralelo datado.

Esta sepultura deve ser uma das primeiras da necrópole; a lucerna data-a do último quartel do séc. I ou da primeira metade do século seguinte.

### **Torre das Arcas 7:** séc. III ou mais tarde

Enterramento de inumação.

TdA 7-20 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j; inv. n.º 1429 (Nolen, 1985, n.º 35).

TdA 7-44 – lucerna da forma Luzón 61, miniatura e de fabrico rude; inv. n.º 2395. Cronologia: séc. III ou mais tarde (Alarcão, 1976, n.º 41).

TdA 7-55/60 – prato de cerâmica comum tipo 3; inv. n.º 1425A.

TdA 7-95 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 1345 (Nolen, 1985, n.º 206).

TdA 7-67 – jarro de cerâmica comum, talvez do tipo 7-d; não identificado.

Falta um copo (?) asado cheio de cinzas.

A lucerna da forma Luzón 61 pode perdurar ainda no séc. IV.

### **Torre das Arcas 8:** meados do séc. II – meados do séc. III

Enterramento de inumação.

TdA 8-69 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 1376 (Nolen, 1985, n.º 164).

TdA 8-76 – bilha de cerâmica comum tipo 5-e; inv. n.º 1336 (Nolen, 1985, n.º 99).

TdA 8-100/103 – tigela de cerâmica comum tipo 3-f; inv. n.º 1343 (Nolen, 1985, n.º 340).

TdA 8-35 – lucerna da forma D/L 28A. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III. Esta lucerna não se encontra no museu.

Ainda que já não exista, a lucerna está bem visível na fotografia publicada. A sua forma pertence ao tipo D/L 28A.

### **Torre das Arcas 11:** séc. III – inícios do séc. IV

Enterramento de inumação.

TdA 11-22 – anforeta de cerâmica comum; inv. n.º 1382 (Nolen, 1985, n.º 134).

TdA 11-37 – lucerna da forma D/L 30B; inv. n.º 1961. Cronologia: séc. III – inícios do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 31).

TdA 11-38/48 – lucerna da forma D/L 30B; inv. n.º 1972. Cronologia: séc. III – inícios do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 28).

TdA 11-68 – jarro de cerâmica comum tipo 6-c; inv. n.º 1417 (Nolen, 1985, n.º 116).

TdA 11-73 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 1418 (Nolen, 1985, n.º 192).

TdA 11-80 – copo de cerâmica comum; inv. n.º 1375 (Nolen, 1985, n.º 510).

TdA 11-82 – pote de cerâmica comum tipo 2-e; inv. n.º 2417 (Nolen, 1985, n.º 458).

Trata-se de um enterramento tardio, datado por duas lucernas do tipo D/L 30B<sup>18</sup>.

### **Torre das Arcas 17:** meados do séc. III

Enterramento de inumação.

TdA 17-17 – tigela de *terra sigillata* “clara C”, da forma Hayes 44; inv. n.º 1413. Cronologia: segunda metade do séc. III.

TdA 17-23 – jarro de cerâmica comum tipo 6-e; inv. n.º 1371 (Nolen, 1985, n.º 118).

<sup>18</sup> Veja o comentário sobre uma lucerna da mesma tipologia na sepultura PZO 73.

TdA 17-41 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1964. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, *lucernas*, n.º 21).

TdA 17-85 – colher de bronze; inv. n.º 2933 (Ponte, 1986, n.º 37).

Faltam um “vaso” grande de cerâmica comum, uma moeda e quatro pregos de ferro.

Um conjunto de diferentes materiais, incluindo *terra sigillata* “clara C” e uma lucerna da forma D/L 28, devem ter, em comum, uma cronologia dos meados do séc. III.

#### **Torre das Arcas 34<sup>19</sup>**: séc. III – inícios do séc. IV

TdA 34-43 – lucerna da forma D/L 30B; inv. n.º 1973. Cronologia: séc. III – inícios do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 33).

TdA 34-115 – prato de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1494 (Nolen, 1985, n.º 247).

TdA 34-97 – púcaro de cerâmica comum que não conseguimos identificar.

Falta uma urna.

Mais outro enterramento tardio datado por uma lucerna da forma D/L 30B<sup>20</sup>.

#### **Torre das Arcas 35**: meados do séc. II – meados do séc. III

TdA 35-30 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1957. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, 1976, n.º 18).

TdA 35-50 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j; inv. n.º 1374 (Nolen, 1985, n.º 32).

TdA 35-57 – malga de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 1344 (Nolen, 1985, n.º 299).

TdA 35-90 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 1346 (Nolen, 1985, n.º 204).

TdA 35-109 – concha de *pecten* usada como lucerna; inv. n.º 1427.

Mais uma vez a cronologia da sepultura está indicada pela lucerna da forma D/L 28A.

#### **Torre das Arcas 36<sup>21</sup>**: meados do séc. II – meados do séc. III

TdA 36-27 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1969. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, 1976, n.º 23).

TdA 36-114 – taça de cerâmica comum tipo 7-e; inv. n.º 1410? (Nolen, 1985, n.º 395).

TdA 36-72 – bilha de cerâmica comum que falta toda o gargalo e a asa e que, por conseguinte, não conseguimos identificar.

A observação feita relativamente ao enterramento anterior é válida.

#### **Torre das Arcas 38**: meados do séc. II – meados do séc. III

Enterramento de incineração.

TdA 38-33 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1970. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, 1976, n.º 17).

<sup>19</sup> Na planta da necrópole de Torre das Arcas publicada por Viana a sepultura n.º 34 foi marcada como enterramento sem espólio (Viana, 1955b, fig. 1).

<sup>20</sup> Veja o comentário sobre uma lucerna da mesma tipologia na sepultura PZO 73.

<sup>21</sup> Na planta da necrópole de Torre das Arcas publicada por Viana a sepultura n.º 36 foi marcada como enterramento sem espólio (Viana, 1955b, fig. 1).

- TdA 38-70 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-f; inv. n.º 1400 (Nolen, 1985, n.º 185).  
 TdA 38-86 – prato de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1393<sup>22</sup> (Nolen, 1985, n.º 246).  
 TdA 38-111 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j; inv. n.º 1320 (Nolen, 1985, n.º 30).  
 TdA 38-117m – ástil de ferro; inv. n.º 3091.  
 Faltam dez “vasilhos” não ilustrados.

É mais uma vez a lucerna da forma D/L 28A que data o enterramento.

### **Torre das Arcas 40:** meados do séc. II – meados do séc. III

Enterramento de inumação.

- TdA 40-49 – bilha de cerâmica comum tipo 7-b; inv. n.º 1342 (Nolen, 1985, n.º 121).  
 TdA 40-96 – lamparina de cerâmica comum; inv. n.º 1431 (Nolen, 1985, n.º 511).  
 TdA 40-40 – lucerna da forma D/L 28A, que não se encontra na colecção do museu.

A tipologia da lucerna pode ser identificada através da fotografia publicada por Viana (1955 b, n.º 40, fig. 6).

### **Torre das Arcas 50:** meados do séc. II – meados do séc. III

Enterramento de inumação.

- TdA 50-34 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1958. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, 1976, n.º 22).  
 TdA 50-84 – bracelete de prata; inv. n.º 2803/4.  
 TdA 50-106; púcaro de cerâmica comum tipo 2-f; inv. n.º 1411 (Nolen, 1985, n.º 181).

Estamos confrontados com outra sepultura datada por uma lucerna da forma D/L 28A.

### **Torre das Arcas 51-b:** finais do séc. III – inícios do séc. IV

Enterramento de inumação.

- TdA 51b-52 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 2440 (Nolen, 1985, n.º 15).  
 TdA 51b-88 – púcaro de cerâmica comum tipo 1-c, grafitos no bojo; inv. n.º 1414 (Nolen, 1985, n.º 149).  
 TdA 51b-117b – enxó de ferro; inv. n.º 2779 (Ponte, 1986, n.º 2).  
 TdA 51b-117e – lima; inv. n.º 3088 (Ponte, 1986, n.º 6).  
 TdA 51b-36 – lucerna da forma Deneauve n.º 1135. Cronologia: finais do séc. III – inícios do séc. IV (Deneauve, 1969, n.º 1135, p. 220, 224, est. CII). Esta lucerna não se encontra entre a colecção do museu.  
 TdA 51b-117h – uma “broca” com argola de ferro: não identificada.  
 Faltam fragmentos de vidro.

A tipologia da lucerna pode ser identificada através da fotografia publicada por Viana (1955b, n.º 39, fig. 6). É, tal como um exemplar da sepultura TdA 52, dum tipo que prevê as lucernas de canal do séc. IV (Alarcão, 1976, p. 78).

<sup>22</sup> Viana refere-se ao prato “56 e 86”; aliás, trata-se de dois pratos diferentes todavia do mesmo tipo. Foi-nos apenas possível identificar o n.º 86 com o nosso inv. n.º 1393.

**Torre das Arcas 52:** séc. III – inícios do séc. IV

Enterramento de inumação.

TdA 52-39 – lucerna da forma Deneauve XIX; inv. n.º 1971. Cronologia: finais do séc. III – inícios do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 40).

TdA 52-64 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-e; inv. n.º 1380 (Nolen, 1985, n.º 179).

TdA 52-89 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 1348 (Nolen, 1985, n.º 108).

Deneauve não especifica a cronologia de uma lucerna da mesma forma que a TdA 52-39 (Deneauve, 1969, n.º 1129, p. 220 e 223; est. CII). Concordamos com A. M. Alarcão, que esta representa uma transição entre as lucernas do séc. III e as de canal do séc. IV (Alarcão, 1976, n.º 40, p. 78).

**Torre das Arcas 56-b:** meados do séc. II – meados do séc. III

Enterramento duplo de inumação.

TdA 56a-75 – púcaro de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 1422 (Nolen, 1985, n.º 147).

TdA 56b-18 – taça de cerâmica comum tipo 7-e; inv. n.º 1407 (Nolen, 1985, n.º 394).

TdA 56b-32 – lucerna da forma D/L 28A com marca COP[PIRES]; inv. n.º 1966. Cronologia: meados do séc. II – meados III (Alarcão, 1976, n.º 19).

TdA 56b-83 – ponta de lança não identificável.

Mais uma sepultura na série datada por uma lucerna da forma D/L 28A.

**Torre das Arcas 62:** meados do séc. II até meados do séc. III

Enterramento de inumação.

TdA 62-28 – lucerna da forma D/L 28A; inv. n.º 1967. Cronologia: meados do séc. II – meados do séc. III (Alarcão, 1976, n.º 20).

TdA 62-45 – copo de vidro da forma AR 60.1B; inv. n.º 2380. Cronologia: meados do séc. II pelo séc. IV (Alarcão, 1967, n.º 21; Nolen, 1985, p. 154).

TdA 62-112 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 2419 (Nolen, 1985, n.º 103).

Falta um púcaro.

As cronologias da lucerna da forma D/L 28A e a do copo de vidro do tipo AR 60.1 (Rütli, 1991, vol. 1, p. 46) coincidem entre os meados do séc. II e do séc. III.

**Torre das Arcas 69:** séc. III – inícios do séc. IV

Enterramento de inumação.

TdA 69-25 – púcaro de cerâmica comum, tipo 2-h; inv. n.º 1389 (Nolen, 1985, n.º 190).

TdA 069-65 – bilha de cerâmica comum, tipo 5-e; inv. n.º 1337 (Nolen, 1985, n.º 98).

TdA 69-? – Lucerna da forma D/L 30B; igual ao n.º TdA 11-37 (Viana, 1955b, p. 256). Cronologia: séc. III – inícios do séc. IV. A peça não existe entre o espólio do museu.

Falta uma tigela de pasta branca.

Trata-se duma sepultura tardia devido à presença duma lucerna da forma D/L 30B<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> Veja o comentário sobre uma lucerna da mesma tipologia na sepultura PZO 73.

## 2. Etapa 3

Seguidamente, faremos uma tentativa de concretizar a cronologia para vários tipos de cerâmica comum. Faremos uma simples referência às sepulturas cujas cronologias acabámos de demarcar. São estas que continham peças da mesma classificação e em que baseámos as nossas sugestões. Referentes aos restantes tipos e subtipos, não houve dados suficientes para também chegarmos a cronologias verídicas.

### 2.1. Bilhas, garrafas e jarros

#### 1. Bilhas de gargalo curto e/ou afunilado

1-a – *Gargalo afunilado e curto*. Flávios – primeira metade do séc. II. Cf. sepulturas SER 6, 7, 52 e 84 (fig. 1, n.º 8).

1-b – *Gargalo baixo, bordo evasado*. Flávios – primeira metade do séc. II. Será que este tipo tem a mesma cronologia que o anterior? Pensamos que sim (fig. 1, n.º 13).

1-c – *Bojo ovóide, gargalo moldurado e bordo evasado*. Flávios – meados do séc. II?. O gargalo moldado é geralmente considerado dos primeiros dois séculos da nossa era. Cf. sepultura SER 18 (fig. 1, n.º 16).

1-d – *Bordo espesso ou amendoado*. Segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II. Cf. sepulturas SER 92 e Terena (fig. 1, n.º 23).

1-e – *Bojo ovóide, alto e colo com dobra*. Flávios – meados do séc. II? Pensamos que a cronologia desta bilha de bordo moldurado deve acompanhar a do tipo 1-c (fig. 1, n.º 24).

1-f – *Bordo em forma de aba curta*. Flávios – primeiro quartel do séc. II. Cf. sepultura SER 52 (fig. 1, n.º 25).

1-g – *Bordo envasado em forma de “S”*. Finais dos Flávios – meados do séc. II. Cf. sepultura PZO 46 (fig. 1, n.º 26).

1-h – *Bojo ovóide, bordo em forma de “L” evasado*. Flávios – inícios do séc. II. Cf. sepultura SER 52 (fig. 1, n.º 27).

1-j e 1-k – *Bojo piriforme ou ovóide, bordo aprumado decorado ou não com sulcos*. A diferença entre as bilhas dos subtipos 1-j (bojo ovóide) e 1-k (bojo piriforme) é muito subtil e talvez não significativa. Ao estudar estas bilhas novamente ficamos com bastantes dúvidas quanto à classificação de alguns exemplares<sup>24</sup>. Isso foi, para nós, uma indicação de que será mais prudente não insistir. Ora, resolvemos juntar os dois subtipos para considerações cronológicas para depois verificarmos se não será possível fazer uma divisão entre as bilhas de pasta fina com bordo moldurado e as de pasta mais grosseira de bordo liso. Mas não, entre as doze bilhas com bordo preservado encontram-se seis de bordo liso, das quais quatro de pastas grosseiras (Nolen, 1985, n.ºs: 29, inv. 2321; 30, inv. 1320; 31, inv. 2319 e 32, inv. 1374) e duas de pasta fina (Nolen, 1985, n.ºs: 43, inv. 2424 e 44, inv. 2425). Também existem seis bilhas de bordo

<sup>24</sup> Por exemplo pensamos agora que os n.ºs 43, 54 e 56 do nosso catálogo, inv. n.ºs 2424, 1433 e 2117, respectivamente, se integram melhor no tipo 1-j do que no 1-k.

canelado, são cinco de pasta fina (Nolen, 1985, n.ºs: 39, inv. 2324; 40, inv. 1321; 41, inv. 1324; 42, inv. 1520 e 50, inv. 2325) e uma única de pasta grosseira (Nolen, 1985, n.º 53, n.º inv. 2328). Quanto à cronologia desta forma, podemos apenas observar que não existia na necrópole de Serrones. Por outras palavras, parece que as bilhas de pasta fina “H” da nossa classificação (Nolen, 1985, p. 25-26), tão semelhante à das “paredes finas” de Mérida, não acompanhavam as taças de “paredes finas”. Será que elas têm um *t.p.q.* apenas nos inícios do séc. II? De Torre das Arcas os exemplares são todos de pasta grosseira e aqueles com o bordo preservado têm todos bordo liso. Sendo a necrópole de Torre das Arcas a mais tardia, continuamos a pensar que o bordo liso começou a substituir o bordo canelado durante o séc. II (Nolen, 1985, p. 44). Aliás, logo encontramos problemas. A bilha PZO 38-64 (n.º inv. 2321, 29 do nosso catálogo), de pasta grosseira “D” e de gargalo liso, provém da sepultura PZO 38 em conjunto com duas peças de *terra sigillata* hispânica datada do período Flávios-Trajano. A melhor aproximação da cronologia que podemos sugerir até ter mais peças datadas do próprio Alto Alentejo talvez seja:  *finais do séc. I até ao séc. III, inclusive*. E talvez possamos observar que as peças de pasta grosseira e bordo liso possivelmente têm tendência para ser as mais tardias.

Várias bilhas do tipo j foram encontradas em sepulturas com peças de *terra sigillata* (PZO 38), outras com lucernas das formas D/L 20 (TdA 3) e D/L 28A (TdA 35 e 38) ou ainda Luzón 61 (TdA 7), além disso, Escrivà (1995, p. 180, fig. 13-1) data uma bilha desta forma da época severa (fig. 1, n.º 29, fig. 2, n.º 39).

## 2. Bilhas de gargalo alto e cilíndrico

2-a – *Gargalo alto, com dobra próxima do bordo*. Flávios – meados do séc. II? Agora perguntamo-nos se a cronologia deste tipo não acompanha a das bilhas, também de bordo moldurado, dos tipos 1c e 1e (fig. 2, n.º 61).

2-b – *Gargalo alto, cilíndrico ou cónico, bordo evasado*. Nero-Vespasiano. A cronologia destas bilhas deve pelo menos incluir este período, o do túmulo SER 27, proveniência do nosso único exemplar (fig. 2, n.º 64).

2-c – *Bordo arredondado, ligeiramente curvo para fora*. Meados do séc. I até meados do séc. II. Não podemos definir melhor a cronologia já por nós proposta (Nolen, 1985, p. 45). Cf. sepultura PZO 18.

2-d – *Gargalo alto com dobra próximo da meia altura*. Finais do reinado de Cláudio – inícios dos Flávios. Cf. sepultura SER 9 (fig. 2, n.º 67).

2-e – *Gargalo cilíndrico, bojo baixo, achatado e articulado*. Finais do séc. I – séc. II e adiante. Cronologia sugerida para a sepultura PZO 12 (fig. 2, n.º 68).

## 3. Bilhas de bojo em forma de cabaça ou falsa cabaça

Segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II. Para fins de datação, juntámos as bilhas das três variantes do tipo 3. Trata-se de um conjunto de cronologia homogênea proveniente das sepulturas SER 21, PZO 18 e 15 e Terena. Visual e tecnicamente, elas pertencem a uma família cerrada. A sua cronologia pode, o que não achamos provável, prolongar-se ainda durante o decorrer do séc. II (fig. 2, n.ºs 72 e 75).

#### 4. Garrafas de bojo cilíndrico

Flávios – meados do séc. II. Também resolvemos considerar as garrafas do tipo 4 em conjunto. Os exemplares de sepulturas datáveis cabem todos no período entre os Flávios até meados do séc. II. Por enquanto não podemos apontar para uma diferença cronológica entre os subtipos.

Escrivã data as garrafas da época flávia; Serrano do século entre os meados dos séculos I e II (Escrivã, 1995, p. 174, figs. 5-1 e 2; Serrano, 1995, n.º 11, p. 241 e 242, fig. 11). Cf. sepulturas SER 84, 92 e PZO 82 (fig. 2, n.º 83; fig. 3, n.º 84).

#### 5. Bilhas de bojo relativamente baixo e achatado

5-a e 5-b – *Gargalo levemente afunilado, bojo geralmente decorado com ranburas*. Flávios – meados do séc. II. Mantém-se a cronologia por nós proposta para o subtipo 5a (Nolen, 1985, p. 53). Cf. sepultura SER 52 (fig. 3, n.º 89 e 93).

5-c e 5-d – *Bojo triangular ou achatado, gargalo com uma dobra*. Flávios – meados do séc. II. Para fins cronológicos, podemos juntar estes dois subtipos. Cf. sepulturas PZO 62 e 65 (fig. 3, n.º 94 e 96).

5-e a 5-g – *Bojo achatado, gargalo geralmente com uma dobra*. Inícios do séc. II – séc. III ou mais tarde. As bilhas dos tipos 5-e a 5-g, com as suas bases largas, parecem feitas para uma utilidade específica; por isso, consideramo-las agora como uma categoria global, reconhecendo que o exemplar PZO 31-86 (inv. n.º 2422, 102 do nosso catálogo) pode bem ser o exemplar mais tardio deste conjunto devido ao seu bordo liso (fig. 3, n.º 98, 102 e 105).

As doze bilhas deste grupo provêm todas das necrópoles de Padrãozinho ou Torre das Arcas, a metade delas de sepulturas datadas. Três destas foram encontradas em sepulturas dos finais do séc. III ou inícios do século seguinte (TdA 51B, 52 e 69), uma só numa sepultura que pode remontar ao reinado dos Flávios (PZO 60) e outras duas de sepulturas datadas a partir dos inícios do séc. II (TdA 8 e 62). É de notar que nenhuma provém de Serrones, indicação de que talvez se trate de uma forma ainda não muito corrente nos inícios, se não mesmo meados do séc. II. O conjunto destas bilhas está datado pelas peças de *terra sigillata*, “paredes finas” e lucernas dos tipos Deneauve XII, D/L 28 e 30, que as acompanharam nas sepulturas PZO 60, TdA 8, 51b, 52, 62 e 69. Est. III 98, 102 e 105.

#### 6. Jarros de colo largo

6-a – *Colo largo, bordo evasado*. Séc. III. Quatro peças, todas da necrópole de PZO, formam um subtipo de aspecto muito homogêneo; mesmo assim, a cronologia proposta parece-nos restrita de mais. Infelizmente, apenas o n.º PZO 20-66 provém duma sepultura de cronologia definida (no séc. III e adiante) por uma lucerna da forma Luzón 54 (fig. 3, n.º 110).

6-e – *Perfil em forma de “S”, pasta fina*. Meados do séc. III. Cf. sepultura TdA 17 (fig. 4, n.º 118).

#### 7. Jarros e bilhas de bocal trilobado

7-b – *Bilhas de gargalo apertado*. Meados do séc. II – meados do séc. III. Cf. sepultura TdA 40 (fig. 4, n.º 121).

7-d e 7-e – *Gargalo largo e afinilado*. Séc. III ou mais tarde? Os seis jarros em questão parecem-nos ser de uma data tardia; comparam-se com jarros tardios encontrados tanto em São Cucufate como no Monte de Cegonha (inéditos de ambas as estações) (fig. 4, n.ºs 123 e 129).

## 8. Cântaros de duas asas

Segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II. Cf. sepultura PZO 98.

### 2.2. Púcaros

Foi difícil, se não impossível, reconhecer os púcaros através das fotografias minúsculas publicadas por Viana. Consequentemente, a sua proveniência, e por isso a sua cronologia, estão ainda muito em dúvida, pelo que podemos sugerir o período de fabrico para apenas poucos subtipos.

#### 1. Púcaros de bordo arqueado revirado para o exterior

1-a – *Bojo largo e de carena arredondada*. O tipo foi, pelo menos, fabricado em qualquer altura durante o período Cláudio até meados do séc. II, o período do uso da necrópole de Serrones onde um exemplar foi encontrado (Nolen, 1985, n.º 141, ou seja, SER 52-65) (fig. 4, n.º 139).

1-b – *Bojo arredondado, bordo cavado no dorso*. Meados do séc. I – séc. II. Cf. sepulturas SER 52 e 84 (fig. 4, n.º 142).

1-c – *Bojo carenado e relativamente alto, bordo cavado no dorso*. Séc. II – séc. III. Cf. sepulturas TdA 51b e 56a (fig. 4, n.º 147).

#### 2. Púcaros de bordo recto revirado para o exterior

2-a – *Bordo evasado, bojo carenado*. Flávios – meados do séc. III. Enquanto apenas dois exemplares deste subtipo foram encontrados em sepulturas datadas, um, numa da época Flávios-Trajano (PZO 62) e o outro, numa do período de meados do séc. II até meados do séc. III (TdA 8), não foi possível delimitar melhor a sua datação (fig. 4, n.º 166).

2-b – *Bojo alto e carenado, bordo evasado*. Séc. II. Cf. sepultura TdA 3. Um púcaro deste tipo foi encontrado na sepultura 3 da necrópole de Porto de Cacos junto com uma lucerna da forma D/L 28A de meados do séc. II – meados do séc. III (Sabrosa, 1996, sep. 3, n.º 4, fig. 2) (fig. 4, n.º 172).

2-e – *Púcaros pequenos da forma 2a e pasta fina*. Data desconhecida até aos finais do séc. III – inícios do séc. IV. O púcaro TdA 52-64 provém duma sepultura datada dos finais do séc. III – inícios do séc. IV. Todavia, não queremos atribuir uma cronologia tão tardia aos demais púcaros deste subtipo. O seu fabrico devia ter sido iniciado bastante antes dos finais do séc. III (fig. 4, n.º 179).

2-f – *Púcaros de bordo em forma de aba horizontal, moldura saliente entre o ombro e o colo*. Meados do séc. II – meados do séc. III. Cf. sepulturas TdA 38 e 50 (fig. 4, n.º 180).

2-h – *Bordo em forma de aba curta e soerguida*. Data desconhecida até aos finais do séc. III – inícios do séc. IV. A observação feita sobre o subtipo dos

púcaros 2-e e o exemplar TdA 52-64 também é válido para o presente subtipo e o púcaro TdA 69-25 (fig. 5, n.º 190).

### 3. Púcaros de bordo contracurvado

3-a – *Pasta e fabrico fino*. Séc. II – meados do séc. III. Cf. sepulturas PZO 27 e 33. O unguentário PZO 33-102 obriga-nos a incluir todo o séc. II e talvez os finais do séc. I na cronologia deste subtipo (fig. 5, n.º 195).

3-b – *Pasta e fabrico mais grosseiro*. Segunda metade do séc. I – meados do séc. II. Cf. sepulturas PZO 38 e 49 (fig. 5, n.º 197).

3-c – *Bordo boleado no dorso*. Meados do séc. II – meados do séc. III. Cf. sepulturas TdA 7 e 35 (fig. 5, n.º 204).

### 4. Copa com duas asas

Segunda metade do séc. II. A copa de Chaminé que agora se encontra no Museu Municipal de Elvas tem paralelo em Catalunha na época indicada (Nolen, 1985, n.º 210, Inv. n.º Elvas 2986 (Casas, 1995, figs. 12-19, p. 119 e 120).

## 2.3. Pratos e frigideiras

### 2. Pratos de bordo boleado ou amendoado, descaído para o interior

2-b – *Bordo amendoado e ligeiramente biselado*. A partir da segunda metade do séc. I. Cf. sepultura de Terena. Mais uma vez nos é impossível precisar a continuação deste subtipo que, sem dúvida, persistia para além dos inícios do séc. II, o limite do conjunto de Terena (fig. 5, n.º 219).

2-c – *Bordo levemente canelado no topo*. Séc. II – meados do séc. IV? Esta cronologia lata é sugerida por dois paralelos de Espanha<sup>25</sup> (fig. 5, n.º 225).

### 3. Pratos de bordo revirado para o interior, geralmente engrossado e de parede quase sempre recta

3-a a 3-c – *Pratéis e pratos de bordo amendoado*. Flávios – meados do séc. III. Aqui juntámos três subtipos da forma 3. Acharmos que as pequenas diferenças no perfil do bordo revirado pelo interior não são representativas da sua cronologia, mas sim da olaria, da habilidade, da tradição ou da disposição do oleiro. Cf. sepulturas PZO 38, TdA 34 e 38 (fig. 5, n.ºs 239, 247 e 258).

3-e – *Bordo alto, bicudo, ligeiramente envasado*. Primeira metade do séc. III. Cf. sepultura PZO 27 (fig. 5, n.º 260).

### 4. Pratéis de parede evasada e geralmente arqueada, lábio arredondado ou biselado

4-a e 4-b – Flávios – meados do séc. II. Cf. sepulturas SER 53 (duas peças) e PZO 98 (fig. 5, n.ºs 262 e 264).

<sup>25</sup> Serrano, 1995, p. 235-6, fig. 7-50 datada dos finais do séc. I até meados do séc. II; Alcorta, 1995, p. 209 e 213, fig. 8-4, com datação no séc. II até meados do séc. IV.

#### 5. Pratos de parede evasada, ligeiramente arqueada, lábio arredondado ou biselado

Segunda metade do séc. I até, pelo menos, aos finais do séc. II e talvez mais tarde. É de notar que esta forma, bastante corrente, não se encontra entre o espólio da necrópole de Torre das Arcas. Será porque não sobreviveu no decorrer do séc. III? Cf. sepulturas de Terena, SER 92 e PZO 73.

#### 6. Pratos de parede arqueada e reentrante, lábio arredondado

6-a e 6-b – Flávios – inícios do séc. III. A forma destes pratos lembra não só os ditos *pompejanisch roten Platen*, mas também a forma Hayes 181 da cerâmica africana da cozinha da segunda metade do séc. I até meados do séc. III. Dois pratos desta forma de São Cucufate datam dos anos 130-150 (Alarcão, 1990, n.ºs 173 e 174, p. 33, est. XX) (fig. 5, n.ºs 275 e 282).

#### 7. Pratos de parede contracurvada e bordo arredondado

Usada durante o período Flávios – inícios do séc. II, como prova a peça da sepultura SER 52. É mais admissível que a forma continuasse a ser fabricada além desta data.

#### 8. Pratos de cerâmica comum que lembram formas de *terra sigillata* ou *terra sigillata* clara

8-c – *Semelhante à forma Dragendorff 15/17 tardia*. Meados do séc. II – meados do séc. III. A forma lembra os pratos de *terra sigillata* Dr. 15/17 tardia. Alcorta data peças paralelas ao período indicado (1995, p. 223-4, 226, fig. 19-5) (fig. 5, n.º 290).

8-d – *Semelhante à forma Dragendorff 36*. Continua a ser difícil precisar a cronologia deste subtipo, aliás a sua semelhança com a forma Lamboglia 23 de cerâmica Campaniense, além dos paralelos citados na nossa publicação de 1985 (p. 90), faz-nos pensar numa cronologia que *não ultrapasse os meados do séc. II* (fig. 5, n.º 292).

### 2.4. Malgas e tigelas

Também as malgas, tal como os púcaros e pratos, foram difíceis de reconhecer nas fotografias pouco nítidas publicadas por Viana. São poucas as que podíamos atribuir a uma sepultura datada. Por isso, a sua cronologia ainda continua problemática. Serrano data todas as malgas da segunda metade do séc. I até aos inícios do século seguinte (1995, fig. 8-64, p. 238), que nos parece um período restrito de mais. Mas talvez não muito. Entre as cinco malgas de sepulturas de cronologia acertada, existe apenas uma peça (TdA 35-57, n.º 299 do nosso catálogo) encontrada em conjunto com uma lucerna dos meados do séc. II até meados do século seguinte.

#### 1. Malgas de fundo raso ou quase raso, parede arqueada e lábio arredondado

Séc. II – meados do séc. III. Já observámos que Serrano data todas as malgas da segunda metade do séc. I e inícios do séc. II. Todavia, o exemplar

encontrado na sepultura TdA 35 obriga-nos a prolongar a sua cronologia, pelo menos, até meados do séc. III. Além disso, não temos indicações de que a forma tenha origem já durante o séc. I (fig. 6, n.ºs 300 e 306).

## 2. Malgas de pé anular, parede arqueada e lábio arredondado

Flávios – meados do séc. II. Será mesmo que as peças mais rudes, de fundo raso e sem ter pé anelar (tipo 1), são as mais tardias? E que as mais requintadas de pé anelar (tipo 2) são as suas antecedentes? Cf. sepulturas SER 29 e 84 (fig. 6, n.ºs 309 e 314).

## 3. Tigelas de fundo raso ou com desvão, parede evasada e lábio arredondado

3-a a 3-d – Segunda metade do séc. I – inícios do séc. II. Duas peças da sepultura SER 27 da época Nero-Vespasiano e outra do conjunto de Terena indicam uma cronologia alta (fig. 6, n.ºs 323, 326, 330, 331 e 337).

## 4. Tigelas de pé anular, parede evasada e lábio arredondado

4-a – *Parede muito evasada e quase recta*. Meados do séc. I – inícios do séc. II e mais tarde. Um só exemplar datado, pelo conjunto de Terena, certamente não nos dá o *t.a.q.* do tipo, o qual deve ter continuado até uma data difícil de precisar (fig. 6, n.º 344).

4-b a 4-e – *Parede arqueada ou sobre o hemisférico*. Estamos conscientes de termos cometido um erro bastante grave na nossa publicação de 1985. Naquela altura não reconhecemos que os pratos n.ºs 348, 349, 353, 359, 360 e 363 a 366 do nosso catálogo (todos de Chaminé) pertencem à tipologia dos pratos da segunda Idade do Ferro encontrados, por exemplo, em Garvão (Beirão *et al.*, p. 45-136). Também a tigela n.º 362, que faz lembrar a forma Lamboglia 24 de cerâmica Campaniense (Lamboglia, 1952, p. 173), deve ter cronologia análoga. As restantes tigelas do tipo 4 são da época do Alto Império e talvez não ultrapassem os meados do séc. II (fig. 6, n.ºs 350, 355, 362 e 364).

## 6. Tigelas e taça de copa carenada

6-a – *Fundo raso ou quase raso*. Segunda metade do séc. I – séc. III? Um paralelo foi datado da segunda metade do séc. I até meados do séc. II por Serrano (1995, n.º 77, p. 238-240, fig. 9) (fig. 6, n.ºs 375 e 377).

## 7. Tigelas de cerâmica comum cujas formas lembram formas de *terra sigillata* ou *terra sigillata* clara

7-a – *Semelhante à forma Ritterling 5*. Época flávia. Uma taça parecida publicada por Escrivà data da época flávia (1995, p. 176, fig. 8-3). A forma que se compare com a forma Ritterling 5 e/ou 9 de *terra sigillata*, afinal não nos parece comparável às peças tardias por nós citadas em 1985 (fig. 6, n.º 383).

7-b – *Semelhante à forma Dragendorff 27*. Flávios – meados do séc. II. Cf. sepultura PZO 47 (fig. 6, n.º 384).

7-c – *Semelhante à forma Dragendorff 27 tardia*. Séc. II (fig. 6, n.º 389).

7-d – *Semelhante à forma Dragendorff 24/25*. Flávios-Trajano.

7-e – *Semelhante à forma Dragendorff 35*. Flávios – meados do séc. III.

O tipo também lembra a forma Hayes 44 da *terra sigillata* “clara C”. Cf. sepulturas SER 27, PZO 40, TdA 36 e 56b (fig. 7, n.º 395).

7-f – *Semelhante à forma Dragendorff 36*. Segunda metade do séc. I – inícios / meados do séc. II. Cf. sepultura SER 92 (fig. 7, n.º 405).

7-g – *Semelhante à forma Dragendorff 46 ou Hayes 67*. Flávios-Trajano. Cf. sepulturas SER 53 e PZO 38 (fig. 7, n.º 409).

7-h – *Semelhante à forma Dragendorff 46*. Flávios – pela segunda metade do séc. II. Cf. sepulturas SER 52, TdA 44. Escrivã publica um exemplar da época flávia (1995, p. 176, fig. 8-1; Casa, p. 119-120, figs. 12-19) (fig. 7, n.º 410).

7-j – *Semelhante à forma Dragendorff 46 ou Hayes 6B*. Segunda metade do séc. II.

## 2.5. Potes e vasos afins

### 1. Potinhos

1-a a 1-c – *Bordo pequeno evasado, uma ou mais caneluras no ombro e bojo, decoração de “guilhocê”*. Segunda metade do séc. I – inícios do séc. II. Cf. sepulturas SER 26, 30 e Terena (fig. 7, n.ºs 422, 435 e 436).

### 2. Potes de bojo ovóide

2-a e 2-b – *Bordo simples ou engrossado, voltado para fora*. A partir da segunda metade do séc. I até data ainda incerta. Cf. sepulturas SER 52 e 92 (fig. 7, n.ºs 443, 447 e 451).

2-d – *Bojo baixo, bordo pequeno revirado para o exterior*. Flávios – meados do séc. II e possivelmente mais tarde. Cf. sepultura PZO 35 (fig. 7, n.º 456).

2-f – *Bojo largo e achatado, bordo em forma de abe horizontal*. Séc. II – meados do séc. III? Cf. sepulturas PZO 27 e 73 (fig. 7, n.ºs 471 e 472).

2-g – *Bojo baixo e largo, bordo revirado para o exterior*. Flávios – pelo séc. II. Cf. Sepulturas PZO 60 e 98 (fig. 7, n.º 476).

2-h – *Bojo baixo e arredondado, bordo amendoado*. Flávios – pelo séc. II. Cf. sepultura SER 21 (fig. 7, n.º 478).

2-k – *Bojo alto e carenado, bordo em forma de aba*. Flávios-Trajano e até finais do séc. III? Um pote semelhante ao n.º 489 do nosso catálogo (um exemplar de PZO), encontrado em São Cucufate provém de uma camada que também deu *terra sigillata* “clara A” tardia e *terra sigillata* “clara C” da segunda metade do séc. II e todo o século seguinte (Alarcão, 1990, n.º 292, p. 39, est. XXIV) Cf. sepultura PZO 38.

## 3. Etapa 4

Com estes dados, façamos agora uma tentativa para aproximar as cronologias dos seguintes enterramentos:

### **Padrãozinho 9** – Cronologia sugerida: séc. II

PZO 9-69 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2324 (Nolen, 1985, n.º 39). Cronologia proposta: finais do séc. I – séc. III.

PZO 9-71 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2325 (Nolen, 1985, n.º 50). Cronologia proposta: finais do séc. I – séc. III.

PZO 9-232 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2400 (Nolen, 1985, n.º 175).  
Cronologia sugerida: séc. II.

Faltam dois pratos de cerâmica comum.

A sepultura podia ter sido fechada uns anos antes ou depois do século indicado.

### **Padrãozinho 12** – Cronologia sugerida: séc. II.

PZO 12-37 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 2330 (Nolen, 1985, n.º 176).  
Cronologia sugerida: séc. II.

PZO 12-89 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 2320 (Nolen, 1985, n.º 104).  
Cronologia sugerida: Flávios – séc. III.

PZO 12-91 – bilha de cerâmica comum tipo 2-e; inv. n.º 2322 (Nolen, 1985, n.º 69). Cronologia sugerida: finais do séc. I – séc. II e adiante.

PZO 12-103 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1378 (Nolen, 1985, n.º 202).  
Cronologia sugerida: meados do séc. I – meados do séc. II.

PZO 12-104 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 1327 (Nolen, 1985, n.º 172).  
Cronologia sugerida: séc. II.

PZO 12-117 – malga de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 1483 (Nolen, 1985, n.º 318).  
Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. II.

Falta um pote pequeno de cerâmica comum.

Estamos confrontados por um conjunto homogêneo essencialmente do séc. II.

### **Padrãozinho 15**

PZO 15-38 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2499 (Nolen, 1985, n.º 161).  
Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

PZO 15-49 – pote de cerâmica comum tipo 2-j; inv. n.º 2468 (Nolen, 1985, n.º 481).

PZO 15-61 – jarro de cerâmica comum tipo 6-a; inv. n.º 2580 (Nolen, 1985, n.º 114). Cronologia sugerida: séc. III.

PZO 15-200 – pratel de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 2529? (Nolen, 1985, n.º 239).  
Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

Falta um prato de cerâmica comum.

Viana menciona uma tigela de *terra sigillata*, n.º PZO 15-200 no inventário. Aliás, parece-nos que o pratel inv. n.º 2529 seja a peça identificada com o n.º 200 na fotografia publicada pelo autor (Viana, 1955a, fig. 12). Aqui existe um problema que não podemos resolver; decerto, a peça fotografada não nos parece ser de *terra sigillata*.

Não temos a audácia de indicar uma cronologia para esta sepultura. O jarro do tipo 6-a tem cronologia sugerida do séc. III, enquanto o púcaro e o pratel podem remontar até à época flávia, datação essa que concordava com a eventual presença de um prato de *terra sigillata*.

**Padrãozinho 18** – Cronologia proposta: meados do séc. I – meados do séc. II

PZO 18-65 – bilha de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 1947 (Nolen, 1985, n.º 79). Cronologia proposta: segunda metade do séc. I – primeiro quartel do séc. II.

PZO 18-81 – bilha de cerâmica comum tipo 2-c; inv. n.º 2326 (Nolen, 1985, n.º 66). Cronologia proposta: meados do séc. I – meados do séc. II.

PZO 18-122 – tigela de cerâmica comum tipo 7-e; inv. n.º 1491 (Nolen, 1985, n.º 397). Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. III.

Faltam dois pratos, um dos quais muito grande e fundo.

As cronologias sugeridas para a tipologia das três peças de cerâmica comum cabem todas no século proposto.

### **Padrãozinho 19** – Cronologia proposta: séc. III

PZO 19-26 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-h; inv. n.º 1533 (Nolen, 1985, n.º 189).

PZO 19-35 – púcaro de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 2332 (Nolen, 1985, n.º 148). Cronologia sugerida: séc. II – séc. III.

PZO 19-218 – pinça de bronze; inv. n.º 3058.

Faltam um jarro, um prato, uma malga, alguns pregos de ferro e uma moeda.

O púcaro PZO 19-26 tem paralelo na sepultura TdA 69 do séc. III ou inícios do séc. IV.

### **Padrãozinho 31** – Cronologia proposta: séc. III

PZO 31-29 – pote pequeno de cerâmica comum; inv. n.º 2347 (Nolen, 1985, n.º 523).

PZO 31-86 – bilha de cerâmica comum tipo 5-f; inv. n.º 2423 (Nolen, 1985, n.º 102). Cronologia sugerida: Flávios – séc. III ou mais tarde.

Faltam um pote e uma malga/prato de cerâmica comum e um fundo de vidro.

Esta sepultura situava-se à beira da necrópole; por isso, podia bem ser uma das últimas, por ser fechada, já que a bilha PZO 31-86 encontra paralelo exacto na sepultura 16 de Porto dos Cacos, onde foi encontrada junto com uma ânfora da forma Almagro 50 que surge entre os séculos III e V (Sabrosa, 1996, n.º 7, p. 292, fig. 4).

**Padrãozinho 41** – Cronologia proposta: Flávios – meados / finais do séc. II.

PZO 41-27 – púcaro de cerâmica comum tipo desconhecido; inv. n.º 2495 (Nolen, 1985, n.º 212).

PZO 41-52 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 2353 (Nolen, 1985, n.º 197). Cronologia sugerida: meados do séc. I – meados do séc. II.

PZO 41-115 – frigideira de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2561 (Nolen, 1985, n.º 249). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

Um púcaro com cronologia sugerida na segunda metade do séc. I até meados do séc. II e uma frigideira do reinado dos Flávios até meados do séc. III podem datar o enterramento na época indicada.

### **Padrãozinho 54** – Cronologia proposta: Séc. II – meados do séc. III

PZO 54-44 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 2331 (Nolen, 1985, n.º 195). Cronologia sugerida: Séc. II – meados do séc. III.

PZO 54-54 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-g; inv. n.º 2500 (Nolen, 1985, n.º 187).

PZO 54-78 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2328. Decoração de linhas onduladas pintadas (Nolen, 1985, n.º 53). Cronologia proposta: finais do séc. I – séc. III.

PZO 54-215 – prato de cerâmica comum; não identificado.

Falta ainda uma malga.

As cronologias propostas para as bilhas do tipo 1-k e os púcaros do tipo 3-a têm o séc. II e a primeira metade do séc. III em comum.

**Padrãozinho 59** – Cronologia sugerida: Finais do séc. I – primeira metade do séc. III

PZO 59-74 – bilha de cerâmica comum tipo 1-k; inv. n.º 2401 (Nolen, 1985, n.º 48). Cronologia proposta: finais do séc. I – séc. III.

PZO 59-104/126 – taça de cerâmica comum tipo 7-e; inv. n.º 2538 (Nolen, 1985, n.º 392). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

Faltam um púcaro de cerâmica comum, um gancho e um prego de ferro.

**Padrãozinho 71** – Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. II.

PZO 71-79 – bilha de cerâmica comum tipo 1-f; inv. n.º 2632.

PZO 71-204 – prato de cerâmica comum tipo 5; inv. n.º 2136 (Nolen, 1985, n.º 270). Cronologia sugerida: meados do séc. I – finais do séc. II.

PZO 71-228 – pote de cerâmica comum tipo 2-h; inv. n.º 2464 (Nolen, 1985, n.º 478). Cronologia sugerida: Flávios – pelo séc. II.

Faltam dois potes pequenos e uma tigela, todos de cerâmica comum.

A bilha tem um paralelo exacto na sepultura SER 52 do período Flávios – inícios do séc. II, enquanto as cronologias sugeridas para o prato e o pote apontam para uma datação que pode continuar na primeira metade do séc. II.

**Padrãozinho 96** – Cronologia proposta: meados do séc. II – inícios do séc. III.

PZO 96-23 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2411 (Nolen, 1985, n.º 207). Cronologia sugerida: meados do séc. II – meados do séc. III.

PZO 96-33 – pote de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2617. Cronologia sugerida: a partir da segunda metade do séc. I.

PZO 96-85 – bilha de cerâmica comum tipo 5-d; inv. n.º 2447 (Nolen, 1985, n.º 96). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. II.

PZO 96-95a – lucerna de bico curto. Esta lucerna já não se encontra entre a colecção do museu. Cronologia sugerida: não anterior aos meados do séc. II.

Falta uma malga de cerâmica comum, vários objectos, um punção e um prego de ferro.

A fotografia publicada por Viana (1955a, fig. 10-95a) mostra uma lucerna de bico curto e fabrico rude. Deve pertencer aos tipos D/L 28-30 e ter cronologia não anterior aos meados do séc. II. As peças de cerâmica comum concordam com uma cronologia até aos inícios do séc. III e talvez um pouco mais tarde.

**Padrãozinho 99** – Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. II ou mais tarde.

PZO 99-34 – pote de cerâmica comum tipo 2-b; inv. n.º 1946? (Nolen, 1985, n.º 453). Cronologia sugerida: a partir da segunda metade do séc. I.

PZO 99-58 – bilha de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 2398 (Nolen, 1985, n.º 21). Cronologia sugerida: Flávios – primeira metade do séc. II.

Falta um prato pequeno e fragmentos de um potinho de cerâmica comum.

A *t.a.q.* talvez ainda tenha de ser avançada para o séc. II.

**Padrãozinho 105** – Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. II.

PZO 105-72 – bilha de cerâmica comum tipo 1-b; inv. n.º 2389 (Nolen, 1985, n.º 12). Cronologia sugerida: Flávios – primeira metade do séc. II

PZO 105-90 – bilha de cerâmica comum tipo 3-c; inv. n.º 2327 (Nolen, 1985, n.º 78). Cronologia sugerida: meados do séc. I – primeiro quartel do séc. II.

PZO 105-118 – frigideira de cerâmica comum tipo 2-d, grafito IVLI; inv. n.º 2057 (Nolen, 1985, n.º 229).

PZO 105-230 – pote de cerâmica comum tipo 2-d; inv. n.º 2310 (Nolen, 1985, n.º 457). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. II e possivelmente mais tarde.

As quatro peças de cerâmica comum têm cronologia muito semelhante a partir dos meados do séc. I ou dos Flávios até meados do século seguinte.

**Padrãozinho 106.**

PZO 106-120 – prato de cerâmica comum tipo 5; inv. n.º 2516 (Nolen, 1985, n.º 266). Cronologia sugerida: meados do séc. I – finais do séc. II.

PZO 106-146 – lança de ferro; inv. n.º 2781. Cronologia sugerida: segunda metade do séc. I – inícios do séc. II (Ponte, 1986, p. 105).

PZO 106-147 – enxó de ferro; inv. n.º 3092 (Ponte, 1986, n.º 3).

PZO 106-195 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 2127 (Nolen, 1985, n.º 165). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

PZO 106/145 – raspador de ferro; não identificado.

Não é possível indicar uma cronologia significativa para este enterramento. As cronologias sugeridas são diferenciadas de mais. Apenas “A partir dos Flávios” parece certo, mas isso não avança a problemática.

**Padrãozinho 114** – Cronologia proposta, mas ainda incerta: primeira metade do séc. II.

PZO 114-67 – garrafa de cerâmica comum tipo 4-a; inv. n.º 2069 (Nolen, 1985, n.º 80). Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. II.

PZO 114-167 – malga de cerâmica comum tipo 1-c; inv. n.º 2052 (Nolen, 1985, n.º 301). Cronologia sugerida: séc. II – meados do séc. III.

As cronologias da garrafa e da malga coincidem apenas durante a primeira metade do séc. II; aliás, Serrano data malgas semelhante já durante a segunda metade do séc. I (veja *supra* p. 372) enquanto nós temos indicações de que o tipo continua até meados do séc. III.

**Padrãozinho 128.**

PZO 128-194 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-h; inv. n.º 2311 (Nolen, 1985, n.º 188).

PZO 128-198 – bilha de cerâmica comum tipo 5-g; inv. n.º 1497 (Nolen, 1985, n.º 107). Cronologia sugerida: inícios do séc. II – séc. III ou mais tarde.

Pensamos ser muito arriscado propor uma data para o fecho deste enterramento. O púcaro tem paralelo na sepultura TdA 69, a qual partilhava com uma lucerna da forma D/L 30B datada do séc. III – inícios do séc. IV. Talvez uma datação na primeira metade do séc. III não esteja longe da verdade.

### **Torre das Arcas 12<sup>26</sup>** – Cronologia sugerida: Séc. III?

TdA 12-54 – pratel de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 1408 (Nolen, 1985, n.º 240).

Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

TdA 12-79 – pote de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1426A (Nolen, 1985, n.º 496).

TdA 12-98 – jarro de cerâmica comum tipo 7-d; inv. n.º 1370 (Nolen, 1985, n.º 128). Cronologia sugerida: séc. III e mais tarde.

TdA 12-117k – podoa de ferro; inv. n.º 2790 (Ponte, 1986, n.º 7).

TdA 12-117n – barra de ferro; inv. n.º 3090.

A cronologia deste enterramento ainda está em dúvida. É o jarro do tipo tardio 7-d que nos faz pensar numa época bastante tardia.

### **Torre das Arcas 21**

Enterramento de inumação.

TdA 21-71 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-g; inv. n.º 1340 (Nolen, 1985, n.º 186).

TdA 21-74 – pote de cerâmica comum tipo 2-j; inv. n.º 1341 (Nolen, 1985, n.º 482).

TdA 21-99/102; pratel de cerâmica comum tipo 3-a; inv. n.º 1420 (Nolen, 1985, n.º 241).

Cronologia sugerida: Flávios – meados do séc. III.

Não podemos sugerir uma cronologia significativa para este enterramento.

### **Torre das Arcas 22**

Enterramento de inumação.

TdA 22-63 – púcaro de cerâmica comum tipo 2-a; inv. n.º 1405 (Nolen, 1985, n.º 169).

Cronologia sugerida: Flávios – séc. III.

TdA 22-? – taça de cerâmica comum tipo 6-a; inv. n.º 2515 (Nolen, 1985, n.º 375). Cronologia sugerida: segunda metade do séc. I – séc. III?

TdA 22-101 – prato grande de cerâmica comum, possivelmente trata-se de um prato do tipo 3-c/d que infelizmente não conseguimos identificar.

A mesma observação é válida para este enterramento.

### **Torre das Arcas 44** – Cronologia proposta: Flávios – séc. II

Enterramento de incineração.

TdA 44-13 – bilha de cerâmica comum tipo 1-j/k; inv. n.º 1433 (Nolen, 1985, n.º 54).

Cronologia proposta: finais do séc. I – séc. III.

TdA 44-16 – púcaro de cerâmica comum tipo 3-b; inv. n.º 1432 (Nolen, 1985, n.º 198).

Cronologia sugerida: meados do séc. I – meados do séc. II.

<sup>26</sup> Na planta da necrópole de Torre das Arcas publicada por Viana, a sepultura n.º 12 foi marcada como sendo enterramento sem espólio; porém no inventário o autor alude a cinco peças aí encontradas (Viana, 1955b, p. 246, fig. 1).

TdA 44-62 – tigela de cerâmica comum tipo 7-h, grafito A(nii ?); inv. n.º 2099 (Nolen, 1985, n.º 411). Cronologia proposta: Flávios – pela segunda metade do séc. II.

Falta um prato.

Possivelmente podíamos ter delimitado a época deste enterramento até meados do séc. II.

#### **Torre das Arcas 65** – Cronologia proposta: séc. II – meados do séc. III

Enterramento duplo de inumação.

TdA 65-10 – bilha de cerâmica comum tipo 5-e; inv. n.º 1367 (Nolen, 1985, n.º 100). Cronologia sugerida: Flávios – séc. III ou mais tarde.

TdA 65-104/107 – malga de cerâmica comum tipo 1-d; inv. n.º 1377? (Nolen, 1985, n.º 304). Cronologia sugerida: séc. II – meados do séc. III.

As cronologias sugeridas das duas peças concordam essencialmente.

## 4. Conclusões

Começámos por confrontar toda a cerâmica romana das necrópoles alto alentejanas agora no museu de Vila Viçosa, com as fotografias publicadas por Abel Viana. Foi uma tarefa difícil e demorada, mas resultou na identificação de materiais provenientes de 68 sepulturas das necrópoles de Serrones, Padrãozinho e Torre das Arcas. Em 1985 pudemos publicar apenas 32 conjuntos constituídos por uma centena de peças; agora são mais de 200 exemplares. Trata-se de sepulturas com duas peças ou mais, sejam ambas de cerâmica comum, ou apenas uma de comum com outra de cerâmica fina ou vidro, capaz de clarificar a cronologia. Este trabalho, o nosso objectivo principal, deu um resultado além do esperado e foi fundamental para as etapas a seguir.

O segundo passo – datar, baseado na bibliografia mais recente, o máximo possível de sepulturas, a partir da cerâmica fina, das lucernas e dos vidros – foi relativamente fácil. Aqui conseguimos estabelecer melhor a cronologia de várias sepulturas já publicada no nosso trabalho de 1985. Por exemplo, os enterramentos SER 27 e 84 e PZO 46 ficaram com a sua cronologia melhor definida e outros sofreram alterações, pelo melhor conhecimento das cronologias das peças indicativas. Um exemplo é a datação das lucernas da forma D/L 28A, que motivou uma ligeira alteração, especialmente, de varias sepulturas de TdA.

Depois confrontámos a tipologia da cerâmica comum com estas cronologias, para chegarmos a uma ideia da sua datação, obviamente sem consultar as nossas propostas feitas em 1985. É notável que, em tantos casos, os resultados são comparáveis, se não iguais nos dois estudos. Afinal, parece bastante válido usar paralelos no estudo da cerâmica comum, mesmo de estações afastadas, para datar uma colecção relativamente pequena sem material indicativo suficiente no próprio conjunto. Contudo, está fora de dúvida, que resulta melhor basear as nossas conclusões numa colecção mais numerosa e melhor documentada. Assim, pudemos “apertar” a cronologia de vários subtipos, por exemplo das bilhas 1-a a 1-c, 1-e, 1-g, 1-h, 2-a, 2-b, 2-d, dos jarros 6-a e 6-e,

dos pratos 3-e, 4-a, 4-b e 7, das tigelas 7-a etc. Mas também nos vimos obrigados a “alargar” outras, como a das bilhas do tipo 1-d, dos púcaros 1-b, 2-a, 2-h, dos pratos 3-a a 3-c. Além disso, houve formas cujas cronologias se modificaram para um período mais alto ou mais baixo. Exemplos desta última situação podem ser as garrafas, as bilhas dos tipos 5-c e 5-d, 7-d e 7-e, púcaros dos tipos 2-b, 2-e, 2-f, 3-b, 3-c, a copa do tipo 4 e as malgas dos tipos 1. Ou, ainda, em alguns casos, chegámos a uma datação que antes hesitámos ou mesmo não conseguimos demarcar, tal como aconteceu com as tigelas do tipo 4-a.

É de notar que continuamos com certa dificuldade em situar os púcaros cronologicamente. Existem poucas peças dos vários tipos cujas origens sejam conhecidas e a nossa pesquisa não deu grandes resultados.

A partir daqui, foi-nos possível, na etapa 4, fazer uma aproximação das cronologias de 15 sepulturas que continham apenas cerâmica comum. Contudo, para outras 6, isso não foi realizável. Além disso, não se abriu a possibilidade de concretizar melhor a cronologia de qualquer enterramento já datado pelas cerâmicas finas, lucernas e/ou vidros.

Assim foi demonstrado, pensamos nós, que é possível datar, ainda que aproximadamente, conjuntos de materiais arqueológicos por meio da cerâmica comum, mas serão sempre necessários conjuntos numerosos e com muitas interligações quanto às tipologias. Para efectuar uma datação mais minuciosa serão sempre indispensáveis os pontos de referência derivados dos materiais indicativos.

### QUADRO 1

Tabela de Concordâncias

Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.	Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.
Nolen	SER 026-023?	2614	Nolen 044	Tda?	2425
Nolen	Tda 064-026	2587	Nolen 045	PZO 033-087	2323
Nolen 004	SER 084-121	2043	Nolen 046	PZO 033-076	2428
Nolen 005	SER 006-064	1986	Nolen 048	PZO 059-074	2401
Nolen 006	SER 052-138	2018	Nolen 050	PZO 009-071	2325
Nolen 007	SER 007-076	2125	Nolen 053	PZO 054-078	2328
Nolen 011	PZO 127-196	2126	Nolen 054	Tda 044-013	1433
Nolen 012	PZO 105-072	2389	Nolen 060	Tda 043-094	1372
Nolen 017	SER 018-176	2427	Nolen 064	SER 027-077	2017
Nolen 021	PZO 099-058	2398	Nolen 066	PZO 018-081	2326
Nolen 022	SER 092-122	1325	Nolen 067	SER 009-041	2070
Nolen 025	SER 052-082	2434	Nolen 069	PZO 012-091	2322
Nolen 026	PZO 046-084	2066	Nolen 073	SER 021-045	2133
Nolen 027	SER 052-095	2448	Nolen 078	PZO 105-090	2327
Nolen 028	Tda 003-058	1396	Nolen 079	PZO 018-065	1947
Nolen 029	PZO 038-064	2321	Nolen 080	PZO 114-067	2069
Nolen 030	Tda 038-111	1320	Nolen 081	SER 084-106	2077
Nolen 031	PZO 036-059	2319	Nolen 082	PZO 082-068	2078
Nolen 032	Tda 035-050	1374	Nolen 087	Tda?	1517
Nolen 035	Tda 007-020	1429	Nolen 088	SER 052-058a	2112
Nolen 036	PZO 084-060	1521	Nolen 092	Tda 004-015	1401
Nolen 039	PZO 009-069	2324	Nolen 095	PZO 062-088?	1523
Nolen 040	PZO	1321	Nolen 096	PZO 096-085	2447
Nolen 043	Tda 055-110	2424	Nolen 097	PZO 065-080	2608

Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.	Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.
Nolen 098	TdA 069-065	1337	Nolen 175	PZO 009-232	2400
Nolen 099	TdA 008-076	1336	Nolen 176	PZO 012-037	2330
Nolen 100	TdA 065-010	1367	Nolen 179	TdA 052-064	1380
Nolen 101	PZO? 223	2178	Nolen 180	PZO? {Cx 5}	2346
Nolen 102	PZO 031-086	2423	Nolen 181	TdA 050-106	1411
Nolen 103	TdA 062-112	2419	Nolen 182	PZO?	2490
Nolen 104	PZO 012-089	2320	Nolen 185	TdA 038-070	1400
Nolen 105	TdA 051b-052	2440	Nolen 186	TdA 021-071	1340
Nolen 106	PZO 060-082	2067	Nolen 187	PZO 054-054	2500
Nolen 107	PZO 128-198	1497	Nolen 188	PZO 128-194	2311
Nolen 108	TdA 052-089	1348	Nolen 189	PZO 019-026	1533
Nolen 109	TdA 013-078	1347	Nolen 190	TdA 069-025	1389
Nolen 110	PZO 025-062	2318	Nolen 191	TdA 049-021	2433
Nolen 111	PZO 020-066	2409	Nolen 192	TdA 011-073	1418
Nolen 112	PZO 088-063	1363	Nolen 193	PZO 027-039	2335
Nolen 113	PZO? 224	1498	Nolen 195	PZO 054-044	2331
Nolen 114	PZO 015-061	2580	Nolen 196	PZO 033-229	2334
Nolen 115	TdA 049-108	2406	Nolen 197	PZO 041-052	2353
Nolen 116	TdA 011-068	1417	Nolen 198	TdA 044-016	1432
Nolen 117	PZO 058-070	2408	Nolen 199	PZO 038-048	2336
Nolen 118	TdA 017-023	1371	Nolen 200	PZO 049-046	1492
Nolen 119	TdA 027-066	1423	Nolen 201	PZO 108-221	2501
Nolen 120	TdA?	2429	Nolen 202	PZO 012-103	1378
Nolen 121	TdA 040-049	1342	Nolen 204	TdA 035-090	1346
Nolen 122	TdA 068-014	2421	Nolen 205	PZO? {Cx 8}	1496
Nolen 123	TdA? 011	1404	Nolen 206	TdA 007-095	1345
Nolen 124	TdA? 012	1369	Nolen 207	PZO 096-023	2411
Nolen 127	TdA? 081	2591	Nolen 211	PZO 092-024	2494
Nolen 128	TdA 012-098	1370	Nolen 212	PZO 041-027	2495
Nolen 129	TdA?	1515	Nolen 213	PZO 016-043	2491
Nolen 132	PZO 016-083	2041	Nolen 220	PZO 085-206	2559
Nolen 133	PZO 098-073	2410	Nolen 222	PZO 076-205	1484
Nolen 134	TdA 011-022	1382	Nolen 229	PZO 105-118	2057
Nolen 136	SER 092-112	1328A	Nolen 234	PZO 033-119?	1481
Nolen 139	SER?	2498	Nolen 239	PZO 015-200?	2529
Nolen 140	PZO 037-025	2496	Nolen 240	TdA 012-054	1408
Nolen 141	SER 052-065	2040	Nolen 241	TdA 21-99/100	1420
Nolen 142	SER 084-113	2128	Nolen 242	PZO? {Cx 8}	1482
Nolen 145	PZO 005-055	2333	Nolen 246	TdA 038-086	1393
Nolen 147	TdA 056a-075	1422	Nolen 247	TdA 034-115	1494
Nolen 148	PZO 019-035	2332	Nolen 249	PZO 041-115	2561
Nolen 149	TdA 051b-088	1414	Nolen 250	SER 092-131	2135
Nolen 161	PZO 015-038	2499	Nolen 252	TdA?	2530
Nolen 164	TdA 008-069	1376	Nolen 253	PZO 038-114	2519
Nolen 165	PZO 106-195	2127	Nolen 259	TdA? 102?	2141
Nolen 166	TdA 064-059	1385	Nolen 260	PZO 027-112	2558
Nolen 167	PZO 062-227	1528	Nolen 261	PZO 098-203	2536
Nolen 169	TdA 022-063	1405	Nolen 263	SER 053-078	2544
Nolen 170	TdA?	2114	Nolen 265	SER 053-116?	2131
Nolen 171	TdA {Cx 3}	1421	Nolen 266	PZO 106-120?	2516
Nolen 172	PZO 012-104?	1327	Nolen 268	PZO 073-199	2140
Nolen 174	TdA 003-091	1399	Nolen 270	PZO 071-204	2136

Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.	Nolen, 1985	Proveniência	N.º inv.
Nolen 271	SER 092-128	1395	Nolen 415	PZO 040-077	2504
Nolen 274	PZO 072-121	2517	Nolen 423	SER 030-055	1985A
Nolen 276	PZO 038-116	2560	Nolen 424	SER 026-114	1995
Nolen 286	SER 052-132?	2301	Nolen 437	PZO 123-191	2051
Nolen 289	SER	2179	Nolen 438	TdA 061-053	1436
Nolen 290	SER	2175	Nolen 441	PZO?-042	2469
Nolen 291	PZO 033-129	2563	Nolen 444	SER 092-096	2130
Nolen 295	PZO? (Cx 5)	2348	Nolen 450	PZO?	2168
Nolen 298	SER 018-073	2562	Nolen 451	SER 052-100	2471
Nolen 299	TdA 035-057	1344	Nolen 453	PZO 099-034?	1946
Nolen 301	PZO 114-167	2052	Nolen 454	PZO 035-045	2513
Nolen 304	TdA 065-104/?	1377	Nolen 455	PZO?-022	2314
Nolen 308	SER 084-126	2059	Nolen 457	PZO 105-230	2310
Nolen 314	SER 029-079?	2071	Nolen 458	TdA 011-082	2417
Nolen 317	SER 007-074	2019	Nolen 460	PZO 034-017	2313
Nolen 318	PZO 012-117	1483	Nolen 465	PZO?-051	2056
Nolen 327	PZO?-112	2316	Nolen 466	TdA 099-105	1428
Nolen 328	SER 027-136	2064	Nolen 467	PZO 027-028	1529
Nolen 329	SER 027-137	2526	Nolen 468	PZO 121-211?	2467
Nolen 340	TdA 008-100	1343	Nolen 469	PZO 104-231	2466
Nolen 356	PZO 006-190?	1487	Nolen 470	PZO 073-053	2139
Nolen 368	PZO 006-111	2138	Nolen 472	PZO 053-030	2475
Nolen 369	PZO 006-157	1485	Nolen 473	PZO 039-021	1503
Nolen 374	TdA 003-113	1402	Nolen 475	PZO 098-031	2465
Nolen 375	TdA 022	2515	Nolen 476	PZO 060-040	2463
Nolen 379	TdA 043-019	1406	Nolen 477	TdA 009-092?	1403
Nolen 384	PZO 118-209	2063	Nolen 478	PZO 071-228	2464
Nolen 386	PZO 047-123/55	1486B	Nolen 479	SER 021-066	2312
Nolen 387	PZO? (Cx 8)	1486A	Nolen 481	PZO 015-049?	2468
Nolen 390	PZO?	2507	Nolen 482	TdA 021-074	1341
Nolen 392	PZO 059-104/26	2538	Nolen 483	PZO 038-041	1502
Nolen 394	TdA 056b-018	1407	Nolen 485	PZO 122-210	2432
Nolen 395	TdA 036-114?	1410	Nolen 487	PZO 115-166	1379
Nolen 396	PZO 040-110/24	1488	Nolen 489	PZO	1331
Nolen 397	PZO 018-122	1491	Nolen 492	PZO 062-032	2176
Nolen 399	SER 027-027	1993	Nolen 496	TdA 012-079	1426A
Nolen 401	TdA	1424	Nolen 505	PZO 033-016	1489
Nolen 406	SER 092-098	2072	Nolen 510	TdA 011-080	1375
Nolen 408	SER 053-117	2047	Nolen 511	TdA 040-096	1431
Nolen 409	PZO 038-130	2292	Nolen 513	SER 021-053	1940
Nolen 410	SER 052-118	2055	Nolen 514	PZO 033-102	2337
Nolen 411	TdA 044-062	2099	Nolen 523	PZO 031-029	2347
Nolen 414	PZO?-075	2505			

**Bibliografia**

- ALARCÃO, A. M. (1960-61) – Algumas peças de *terra sigillata* na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, p. 181-201.
- ALARCÃO, A. M. e PONTE, S. da (1976) – As lucernas romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 15, p. 73-91.
- ALARCÃO, J. de (1967) – Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 6, p. 1-45.
- ALARCÃO, J. de (1984) – Sete jarros de vidro romanos. *Lucerna*. Porto. p. 173-178. Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão.
- ALARCÃO, J. de; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) – *Les villas romaines de São Cucufate, Portugal*. Paris: de Boccard.
- ALARCÃO, J. de [et al.] (1996) – *De Ulisses a Variato – O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Instituto Português de Museus.
- ALCORTA, E. (1995) – Avance al estudio de la cerámica común romana de cocina y mesa de "Lucus Augusti". In *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. p. 201-226. (Monografies Empuritanes; VIII).
- ALMEIDA, J. A. (1953) – Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2, p. 5-208.
- BAILEY, D. M. (1980) – *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, II – Roman Lamps made in Italy*. Londres: The trustees of the British Museum.
- BEIRÃO, C. M. [et al.] (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 3, p. 45-136.
- CASAS, J. [et al.] (1995) – Les ceràmiques comunes locals del N.E. de Catalunya. In *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. p. 99-127. (Monografies Empuritanes; VIII).
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris: CNRS.
- DIAS, L. A. T. (1993-1994) – Necrópoles no "Territorium de Tongobriga". *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 107-136.
- ESCRIVÀ TORRES, V. (1995) – Cerámica común romana del "Municipium Liria Edetanorum". Nuevas aportaciones al estudio de la cerámica de época alto-imperial en la "Hispania Tarraconensis". In *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. p. 167-186. (Monografies Empuritanes; VIII).
- GOETHERT-POLASCHEK, K. (1977) – *Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landes-museum Trier*. Mainz am Rhein. (Trierer Grabungen und Forschungen; IX).
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: The British School at Rome.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman glass from dated finds*. Groningen. (Archaeologica Traiectina; II).
- LAMBOGLIA, N. (1952) – Per una classificazione preliminare della ceramica campana. In *Atti del I.º Congresso Internazionale di Studi Liguri, 1950*. Bordighera. p. 136-206.
- LÓPEZ MULLOR, A. (1990) – *Las Cerámicas Romanas de Paredes Finas en Cataluña*. Zaragoza: Pórtico Librerías.
- MAYET, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: de Boccard.
- MAYET, F. (1984) – *Les Céramiques Sigillées Hispaniques, contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: de Boccard.
- NOLEN, J. U. S. (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança.

- NOLEN, J. U. S. (1988) – Vidros de S. Cucufate. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 5-59.
- NOLEN, J. U. S. (1994) *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares – Balsa*. Lisboa.
- PONTE, S. da (1986) – Algumas peças metálicas de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 99-129.
- RÜTTI, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst. (Forschungen in Augst; 13).
- SABROSA, A. J. (1996) – Necrópole romana do Porto dos Cacos, Alcochete. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal. p. 230-300. (Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado).
- SÉNÉCHAL, R. (1975) – *Céramique commune d'Alésia. Les Cruches*. Dijon.
- SERRANO RAMOS, E. (1995) – Producciones de cerâmicas comunes locales de la Bética. In *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. p. 227-249. (Monografies Empuritanes; VIII).
- SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PAEZ, R.; DE LUQUE MORAÑO, A. (1985) – Excavaciones arqueológicas en el Cerro de los Castellones, Campillos Málaga, Campañas 1977-1981. *NAH*. Madrid, 25, p. 163-373.
- VIANA, A. – Notas de arqueologia Alto Alentejana – Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa. *A Cidade de Évora*. Évora. 33-34, p. 5-28.
- VIANA, A. e DEUS, A. D. de (1955a) – Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas, Portugal. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. p. 1-36.
- VIANA, A. e DEUS, A. D. de (1955b) – Necropolis de la Torre das Arcas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. p. 244-265.

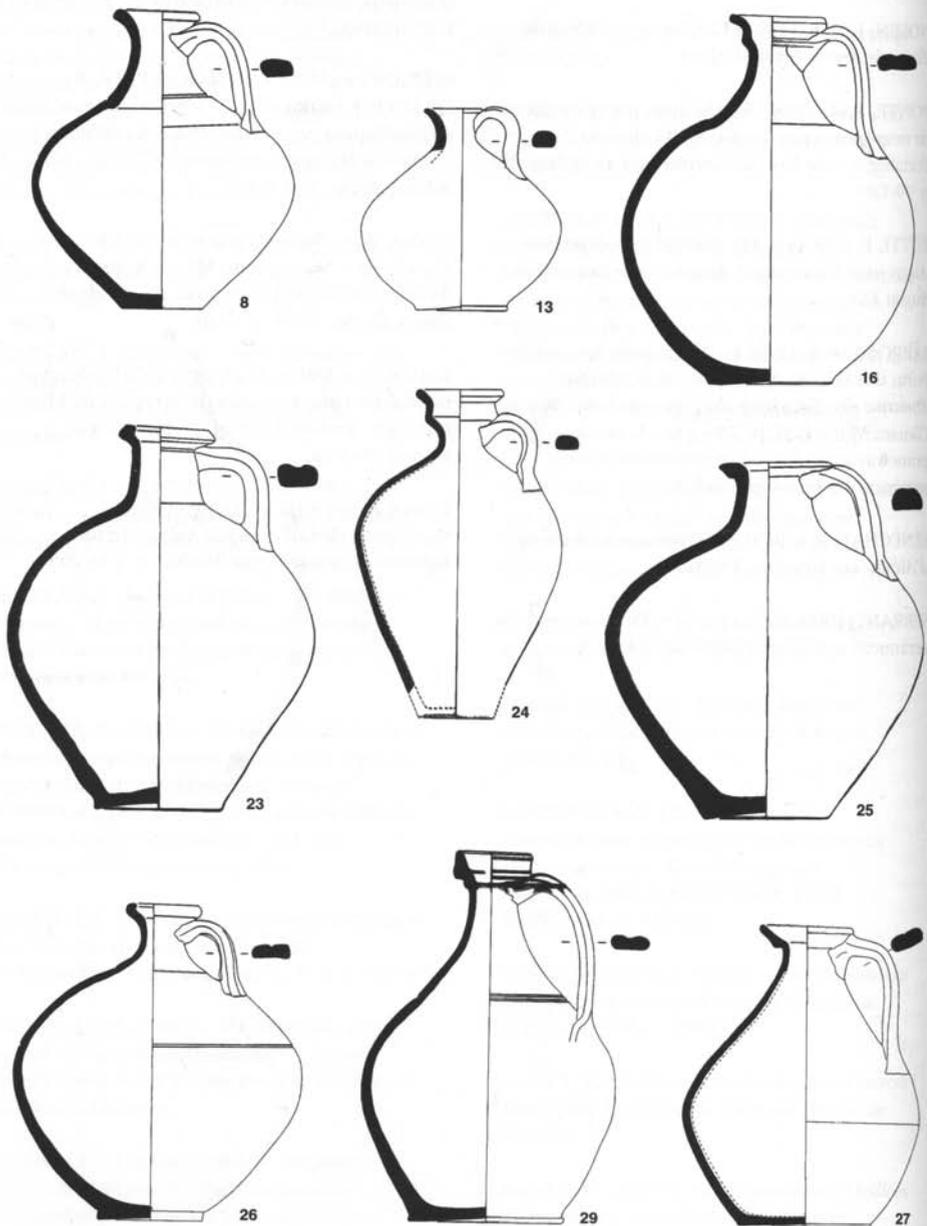


Fig. 1 – Bilhas do tipo 1-a: n.º 8; 1-b: n.º 13; 1-c: n.º 16; 1-d: n.º 23; 1-e: n.º 24; 1-f: n.º 25; 1-g: n.º 26; 1-h: n.º 27; 1-j: n.º 29. Esc. 1:4.

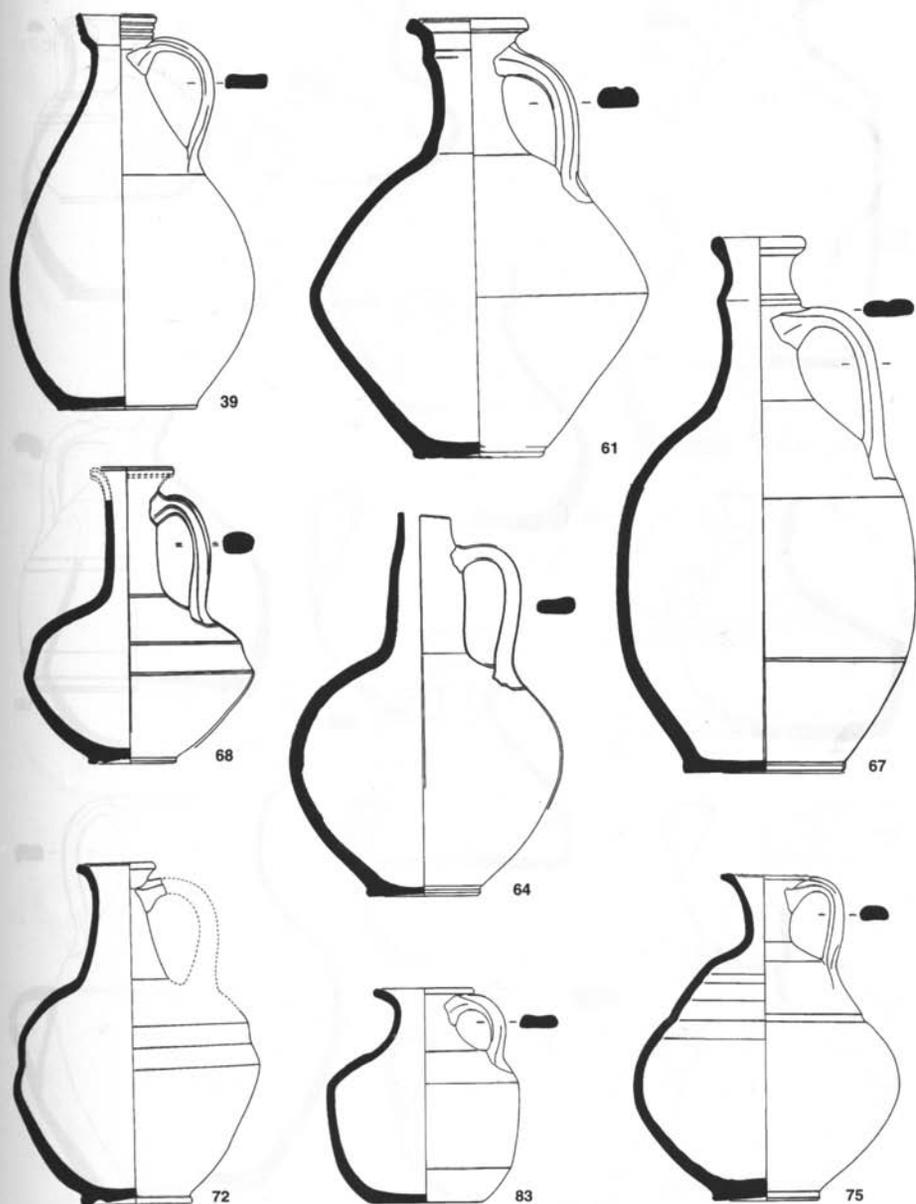


Fig. 2 – Bilhas do tipo 1-k: n.º 39; 2-a: n.º 61; 2-b: n.º 64; 2-d: n.º 67; 2-e: n.º 68; 3: n.ºs 72 e 75; 4: n.º 83. Esc. 1:4.



Fig. 3 – Bilhas e garrafas do tipo 4: 84; 5-a: n.º 89; 5-b: n.º 93; 5-c: n.º 94; 5-d: n.º 96; 5-e: n.º 98; 5-f: n.º 102; 5-g: n.º 105; 6-a: n.º 110. Esc. 1:4.

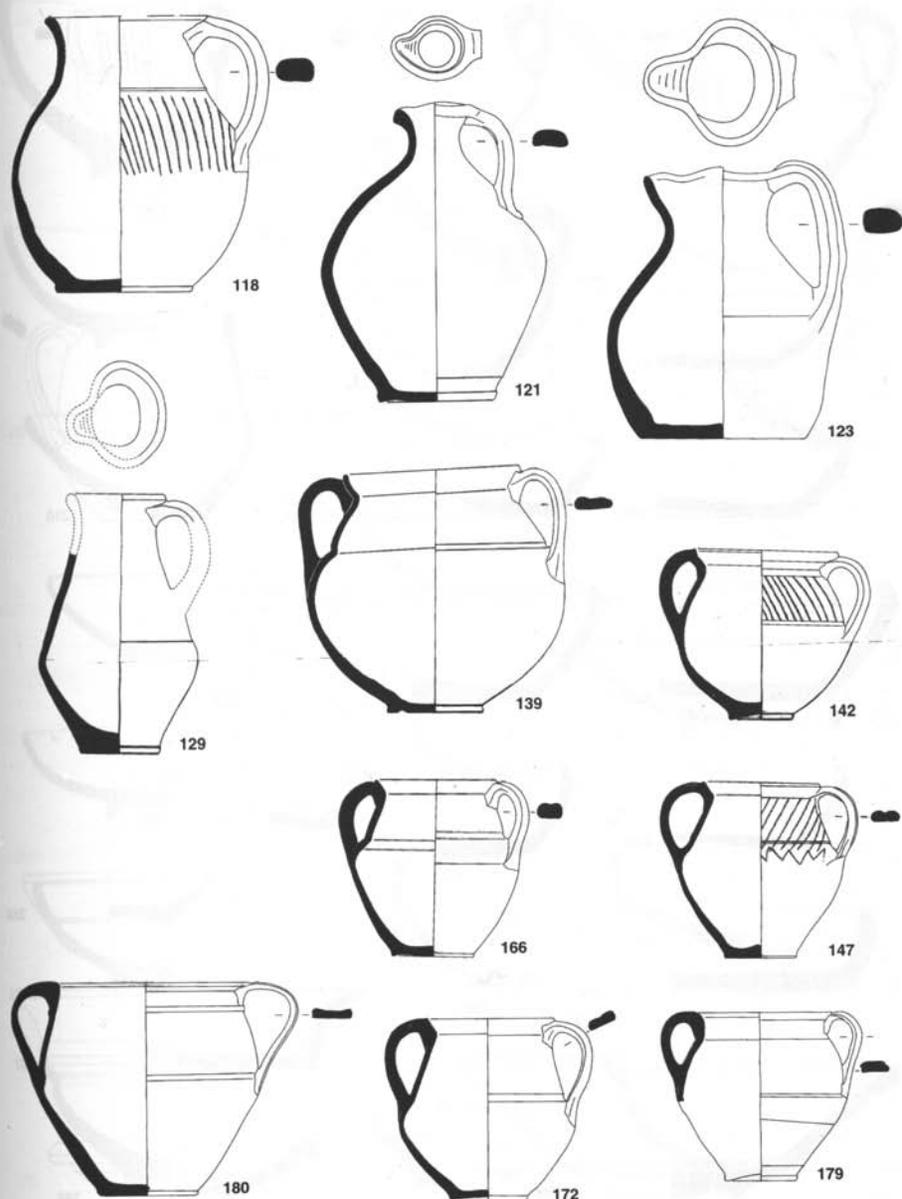


Fig. 4 – Bilhas do tipo 6-e: n.º 118; 7-b: n.º 121; 7-d: n.º 123; 7-e: n.º 129. Púcaros do tipo 1-a: n.º 139; 1-b: n.º 142; 1-c: n.º 147; 2-a: n.º 166; 2-b: n.º 172; 2-e: n.º 179; 2-f: n.º 180. Esc. 1:4.

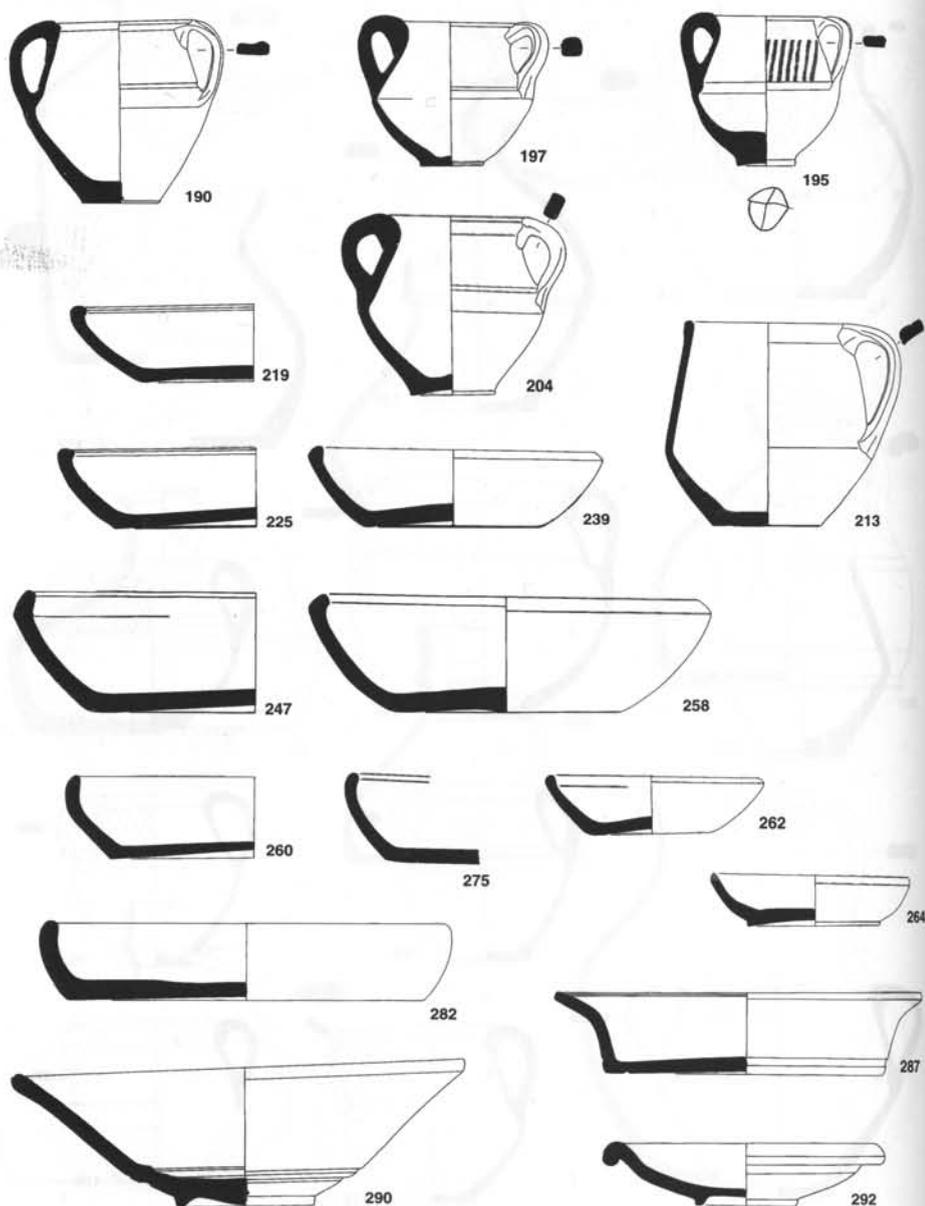


Fig. 5 – Púcaros do tipo 2-h: n.º 190; 3-a: n.º 195; 3-b: n.º 197; 3-c: n.º 204; caneca n.º 213. Pratos e frigideiras do tipo 2-b: n.º 219; 2-c: n.º 225; 3-a: n.º 239; 3-b: n.º 247; 3-c: n.º 258; 3-e: n.º 260; 4-a: n.º 262; 4-b: n.º 264; 6-a: n.º 275; 6-b: n.º 282; 8-a: n.º 287; 8-c: n.º 290; 8-d: n.º 292. Esc. 1:4.

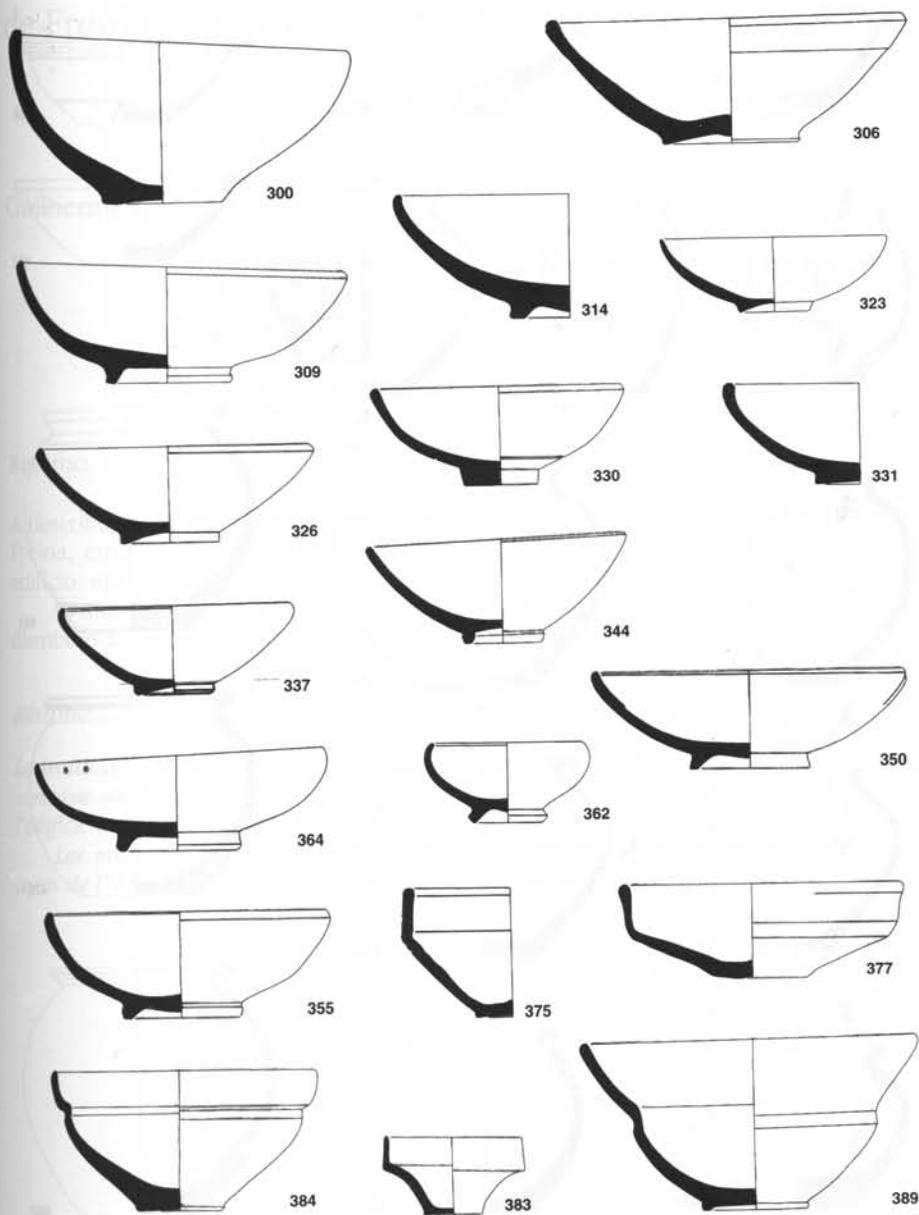


Fig. 6 – Malgas e tigelas do tipo 1: n.º 300 e 306; 2: n.º 309 e 314; 3-a: n.º 323; 3-b: n.º 326 e 330; 3-c: n.º 331; 3-d: n.º 337; 4-a: n.º 344; 4-b: n.º 350; 4-c: n.º 355; 4-d: n.º 362; 4-e: n.º 364; 6-a: n.º 375 e 377; 7-a: n.º 383; 7-b: n.º 384; 7-c: n.º 389. Esc. 1:4.

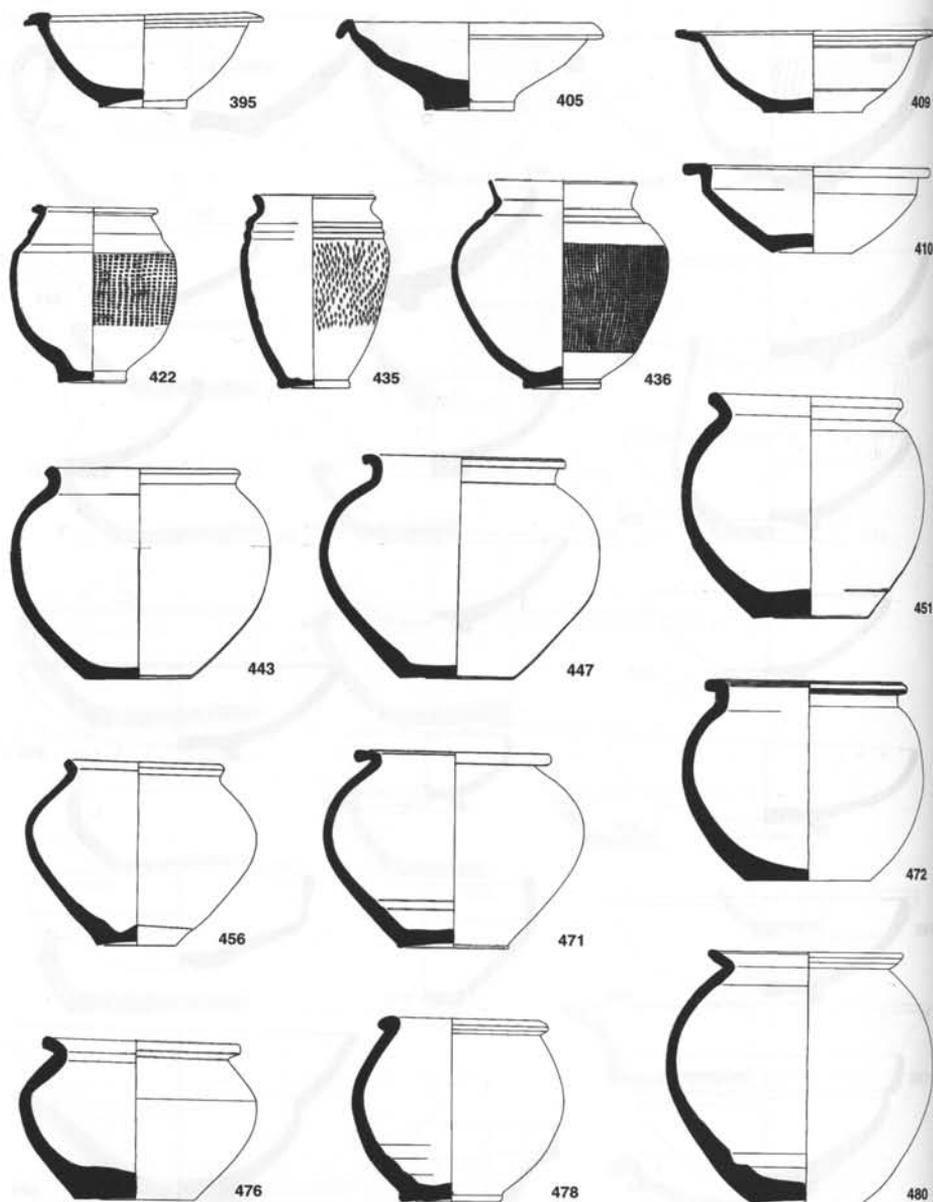


Fig. 7 – Malgas e tigelas do tipos 7-e: n.º 395; 7-f: n.º 405; 7-g: n.º 409; 7-h: n.º 410. Potes do tipo 1-a: n.º 422; 1-b: n.º 435; 1-c: n.º 436; 2-a: n.ºs 443 e 447; 2-b: n.º 451; 2-d: n.º 456; 2-f: n.ºs 471 e 472; 2-g: n.º 476; 2-h: n.º 478; 2-j: n.º 480. Esc. 1:4.